

## ***Dáfnis e Cloé*, de Longo de Lesbos – Livro segundo: tradução e comentário**

Luiz Carlos André Mangia Silva  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
lcamsilva@uem.br

**RESUMO:** Apresentamos aqui a tradução para a língua portuguesa da segunda parte do romance de Longo de Lesbos, intitulado *Dáfnis e Cloé*, datado de meados do século II d.C. Também conhecida como *As Pastorais*, a obra não dispõe ainda de tradução integral em português feita diretamente da língua grega. Assim, nossa tradução pretende sanar esta carência e permitir ao leitor um contato mais seguro com o texto original. Nesta segunda parte do romance, podemos ver diferentes ações, entre as quais Dáfnis e Cloé ajudando nos trabalhos ligados à colheita da uva; o incidente com os jovens estrangeiros, que acabam por mover guerra contra os protagonistas; a intervenção guerreira do deus Pã, irritado com a ousadia dos estrangeiros; e finalmente, a celebração dos personagens com banquete e apresentações artísticas.

116

**Palavras-chave:** Romance grego; tradução; literatura pastoril .

### **The Greek novel *Daphnis and Chloe*: a Portuguese translation of the second part with commentary**

**ABSTRACT:** This is a Portuguese translation of the second part of *Daphnis and Chloe*, Longus' novel, dated from the middle of the 2nd century AD. Also known as *Pastoral novel*, the work does not have a full translation directly from the Greek language to Portuguese yet. Thus, our translation intends to supply this lack and offer to the reader a closer contact with the original text. In this second part of the novel, we can see different actions, including Daphnis and Chloe's help with the work related to the grape harvesting; the incident with young foreigners, who end up waging war against the protagonists; the warlike intervention of the god Pan, angry at the boldness of the foreigners; and finally, the characters' celebration with feasts and artistic presentations.

**Keywords:** Greek novel; translation; pastoral literature.



## Apresentação

As ações do segundo livro de *Dáfnis e Cloé* - romance pastoril atribuído a Longo de Lesbos (cerca de II d.C.) - transcorrem todas elas durante a estação do outono. Por ser a época da vindima, o texto abre com todos os personagens envolvidos nas tarefas exigidas pela colheita da uva. Dáfnis e Cloé participam de bom grado destes trabalhos, embora anseiem pelo dia em que poderão voltar, apenas na companhia um do outro, aos cuidados com os rebanhos, fugindo assim do tumulto que envolve tais atividades. Quero destacar, dessa segunda parte do romance (que possui quatro), três cenas em particular, pela sua beleza e importância na narrativa.

A primeira delas é a descrição, feita pelo velho Filetas - amiúde identificado com o poeta Filetas de Cós, celebrado por Teócrito como um dos inventores do gênero bucólico, em III a.C. (LONGO, 1997, p. 66, n. 70; MACHADO, 1996, p. 79, n. 2) -, da criança que ele encontra a colher frutos em seu pomar. Surpreendida, ela lhe foge e se esconde sob as roseiras e as papoulas, de onde lhe atira as bagas de mirtos que tem à mão. Embora devesse ficar irritado com isso, Filetas sente-se enfeitiçado pela criança e nada faz contra ela: apenas lhe pede um beijo e promete-lhe entregar os frutos que ela quiser. Ela ri da proposta e informa que beijar não combina com a velhice de Filetas pois, se ele ficar apaixonado, não será capaz de perseguir seu objeto de desejo. A criança ainda afirma ser mais velha do que o Tempo e o universo, embora não pareça; e que todas as manhãs, depois de reunir Dáfnis e Cloé, vem se banhar nas fontes do pomar de Filetas e se deslumbrar com plantas e flores - eis o motivo por que há ali tamanha abundância, tamanha harmonia: tudo é regado pela água de seus banhos. Depois de dizer essas coisas com uma voz mais bela do que a de um velho cisne, ela trepa nos pés de mirto e de galho em galho atinge o topo. É quando Filetas vê asas em seu dorso e um pequeno arco - e ele então conclui ser Amor, o deus Eros, esta pequena criança, que em seguida desaparece. Notemos que essa genealogia parece fundir o deus primordial de Hesíodo, nascido do Caos (na *Teogonia*), com atributos claramente helenísticos, de criança travessa e alada armada de flechas. Filetas procura Dáfnis e Cloé para declarar-lhes o que viu e ouviu - que o deus Eros ora se ocupa deles. Esta é a primeira vez que os jovens pastores ouvem o nome da divindade.

Outro ponto alto das ações nesta segunda parte do romance ocorre quando, raptada, Cloé está em posse dos cidadãos de Metimne que investiram como inimigos contra os mitilenos. Pã, por solicitação das Ninfas protetoras da garota, intervém em seu favor, instaurando o pânico entre os raptadores, qualidade bem propriamente sua, quando irritado. A cena, como destacam os comentadores (por exemplo, Sanches e Güemes em LONGO, 1997, p. 81, n. 105),

remete a dois *Hinos Homéricos*: *A Dioniso* (VII) e *A Apolo* (III). Quando Cloé e outros cativos estão sendo levados com seus rebanhos para Metimne, diferentes prodígios passam a acontecer, em terra e em mar. Nos barcos ancorados longe da orla, a tripulação recobra o vigor em uma festa triunfal; de repente, a terra toda parece arder em chamas e o som de navios inimigos se aproximando é claro a todos. Parece já haver feridos e mortos, sem que inimigo algum possa ser visto. Toda a noite transcorre assim. Pela manhã, novos portentos: os bodes de Dáfnis aparecem com os chifres adornados de hera e as ovelhas de Cloé uivam como lobos, enquanto ela própria ostenta, maravilhosamente, uma coroa de ramos de pinheiro, planta consagrada a Pã. Se os raptos tentam fugir, as âncoras permanecem presas no fundo, os remos se partem e golfinhos, com golpes, causam danos no madeirame dos navios. E finalmente um som qual o de uma trombeta é ouvido do alto de um promontório. É quando o comandante dos metimnianos, subitamente lançado em sono, tem uma visão onírica, em que Pã lhe ordena restituir Cloé e seus rebanhos a Mitilene. Só assim seu retorno a Metimne será possível. Prudentemente ele cumpre a ordem e Cloé, uma vez desembarcada, é rodeada por suas ovelhas como por um coro de dançarinas e um som doce de flauta a conduz de volta à casa.

Outra cena memorável, já quase fechando o livro, é a dos familiares de Dáfnis e Cloé celebrando as Ninfas e Pã, pela proteção recebida, na alegre companhia de Filetas e seu filho Títiro. Reunidos próximos da estátua de Pã, nos campos, os convivas ouvem Lamon narrar o mito da origem da flauta, o qual ele ouvira de um pastor siciliano: Pã enamorou-se de uma jovem pastora, chamada Siringe (Flauta), cujo canto mavioso era como o da flauta. Por se recusar a se entregar a ele, perseguida, ela foge enquanto pode, até que cai em um pântano, onde some; Pã, triste pelo ocorrido, colhe do lugar caniços de diferentes tamanhos e faz com eles um instrumento, para recordá-la. Assim surge a flauta, também conhecida como flauta de Pã. Depois dessa narrativa que explica a origem mítica do instrumento, é Filetas quem exhibe seus dons de flautista. Dono de uma flauta que em tudo se assemelha à descrita na narrativa de Lamon, ele toca de tal modo que parece haver várias flautas sendo tocadas ao mesmo tempo; depois, diminuindo a intensidade, ele entoia uma doce melodia para, a seguir, demonstrar o flautado próprio para tanger cada tipo de rebanho, de bois e cabras e ovelhas. Depois dele, é Drias quem dança para os convivas, ao som de uma melodia dionisíaca, uma coreografia de vindima: ele então representa cada uma das ações ligadas à produção do vinho, começando pela colheita, depois o transporte dos cestos, a seguir a pisa de uvas nos lagares, o enchimento dos tonéis e o ato de beber o vinho. Segundo o narrador, tudo é representado com tamanha clareza que todos julgam ver as ações acontecendo. Finalmente Dáfnis e Cloé também se exibem artisticamente: experimentando a flauta de Filetas, ele encarna

Pã em busca da pastora Siringe; Cloé, a imitá-la, desdenha do seu pretendente e foge e se esconde na floresta, como se sumisse em um pântano. Dáfnis, a procurá-la, flauteia com doçura tão comovente que Filetas lhe presenteia com a flauta, o que marca, para Dáfnis, uma das etapas de sua introdução na idade adulta.

Destaco ainda, quanto a essa última cena, que a presença dessas variadas expressões artísticas dentro da obra reforçam um traço comum ao romance antigo – o de dialogar com outras artes. Lembro ao leitor que a motivação, segundo o narrador, para compor a história de Dáfnis e Cloé foi a contemplação de uma pintura encantadora sobre o tema (descrita no Livro Primeiro, em seu Proêmio), vista por ele quando visitava Lesbos.

Não disponho ainda de uma edição recente para o texto grego, de modo que consultei o texto fixado por Rudolf Hercher (1858), disponível na plataforma *Perseus Digital Library*. Depois de enfrentar todas as dificuldades do texto grego, para dirimir dúvidas li a tradução indireta de Duda Machado (1996), distante, todavia, do original; a espanhola de Sanches e Güemes (LONGO, 1997), bem próxima do original e rica em notas; e a inglesa de Turner (LONGUS, 1968). Essas últimas, sobretudo, forneceram-me não poucas vezes o subsídio necessário para a correta interpretação das frases gregas. Além dessas obras devo mencionar a consulta sistemática ao Dicionário Grego-Português de Malhadas-Dezotti-Neves (2006-2010) e ao Dicionário Grego-Inglês de Lidell-Scott-Jones (1940), hospedado no *Perseus*.

## 1. Texto grego

[2.1] Ἦδη δὲ τῆς ὀπώρας ἀκμαζούσης καὶ ἐπείγοντος τοῦ τρυγητοῦ πᾶς ἦν κατὰ τοὺς ἀγρούς ἐν ἔργῳ· ὁ μὲν ληνοὺς ἐπεσκεύαζεν, ὁ δὲ πίθους ἐξεκάθειρεν, ὁ δὲ ἀρρίχους ἔπλεκεν· ἔμελέ τιμι δρεπάνης μικρᾶς ἐς βότρυος τομὴν καὶ ἐτέρῳ λίθου θλίψαι τὰ ἔνοια τῶν βοτρυῶν δυναμένου καὶ ἄλλῳ λύγου ξηρᾶς πληγαῖς κατεξασμένης, ὡς ἂν ὑπὸ φωτὶ νύκτωρ τὸ γλεῦκος φέροιτο. Ἀμελήσαντες οὖν καὶ ὁ Δάφνις καὶ ἡ Χλόη τῶν αἰγῶν καὶ τῶν προβάτων, χειρὸς ὠφέλειαν ἄλλοις μετεδίδοσαν. Ὁ μὲν ἐβάσταζεν ἐν ἀρρίχοις βότρυς καὶ ἐπάτει ταῖς ληνοῖς ἐμβαλῶν καὶ εἰς τοὺς πίθους ἔφερε τὸν οἶνον· ἡ δὲ τροφήν παρεσκεύαζε τοῖς τρυγῶσι καὶ ἐνέχει ποτὸν αὐτοῖς πρεσβύτερον οἶνον καὶ τῶν ἀμπέλων δὲ τὰς ταπεινότερας ἀπετρύγα. Πᾶσα γὰρ ἡ κατὰ τὴν Λέσβον ἀμπελος ταπεινὴ, οὐ μετέωρος οὐδὲ ἀναδενδράς, ἀλλὰ κάτω τὰ κλήματα ἀποτείνουσα καὶ ὡσπερ κίττος νεμομένη· καὶ παῖς ἂν ἐφίκοιτο βότρυος ἄρτι τὰς χεῖρας ἐκ σπαργάνων λελυμένος.

[2.2] Οἶον οὖν εἰκὸς ἐν ἑορτῇ Διονύσου καὶ οἴνου γενέσεως αἱ μὲν γυναῖκες ἐκ τῶν πλησίον ἀγρῶν εἰς ἐπικουρίαν κεκλημέναι τῷ Δάφνιδι τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐπέβαλλον καὶ ἐπήνουν ὡς ὅμοιον τῷ Διονύσῳ τὸ κάλλος, καὶ τις τῶν θραυστέρων καὶ ἐφίλησε καὶ τὸν Δάφνιν παρῶξυνε, τὴν δὲ Χλόην ἐλύπησεν· οἱ δὲ ἐν ταῖς ληνοῖς ποικίλας φωνὰς ἔρριπτον ἐπὶ τὴν Χλόην καὶ ὡσπερ ἐπὶ τινα Βάκχην Σάτυροι μανικώτερον ἐπήδων καὶ εὐχοντο γενέσθαι ποιμνία καὶ ὑπὲρ ἐκείνης νέμεσθαι· ὥστε αὐτὸν πάλιν ἡ μὲν ἤδετο, Δάφνις δὲ ἐλυπεῖτο. Εὐχοντο δὲ δὴ ταχέως παύσασθαι τὸν

τρυγητὸν καὶ λαβέσθαι τῶν συνήθων χωρίων καὶ ἀντὶ τῆς ἀμούσου βοῆς ἀκούειν σύριγγος ἢ τῶν ποιμνίων αὐτῶν βληχωμένων. Καὶ ἐπεὶ διαγενομένων ὀλίγων ἡμερῶν αἰ μὲν ἄμπελοι ἐτετρύγηντο, πίθοι δὲ τὸ γλεῦκος εἶχον, ἔδει δὲ οὐκέτ' οὐδὲν πολυχειρίας, κατήλαυνον τὰς ἀγέλας ἐς τὸ πεδίον καὶ μάλα χαίροντες τὰς Νύμφας προσεκύνουν, βότρυς αὐταῖς κομίζοντες ἐπὶ κλημάτων, ἀπαρχὰς τοῦ τρυγητοῦ. Οὐδὲ τὸν πρότερον χρόνον ἀμελῶς ποτε παρήλθον, ἀλλ' αἰεὶ ἀρχόμενοι νομῆς προσήδρευον καὶ ἐκ νομῆς ἀνιόντες προσεκύνουν· καὶ πάντως τι ἐπέφερον, ἢ ἄνθος ἢ ὀπώραν ἢ φυλλάδα χλωρὰν ἢ γάλακτος σπονδήν. Καὶ τούτων μὲν ὕστερον ἀμοιβὰς ἐκομίσαντο παρὰ τῶν θεῶν· τότε δὲ κύνες, φασίν, ἐκ δεσμῶν λυθέντες ἐσκίρτων, ἐσύριττον, ἦδον, τοῖς τράγοις καὶ τοῖς προβάτοις συνεπάλαιον.

[2.3] Τερπομένοις δὲ αὐτοῖς ἐφίσταται πρεσβύτης σισύραν ἐνδεδυμένος, καρβατίνας ὑποδεδεμένος, πήραν ἐξηρητημένος, καὶ τὴν πήραν παλαιάν. Οὗτος πλησίον καθίσας αὐτῶν ὧδε εἶπε· ‘Φιλητᾶς, ὦ παῖδες, ὁ πρεσβύτης ἐγώ, ὃς πολλὰ μὲν ταῖσδε ταῖς Νύμφαις ἦσα, πολλὰ δὲ τῷ Πανὶ ἐκείνῳ ἐσύρισα, βοῶν δὲ πολλῆς ἀγέλης ἡγησάμην μόνη μουσικῆ. Ἦκω δὲ ὑμῖν ὅσα εἶδον μηνύσω, ὅσα ἤκουσα ἀπαγγελῶν. Κῆπός ἐστί μοι τῶν ἐμῶν χειρῶν, ὃν ἐξ οὗ νέμων διὰ γῆρας ἐπαυσάμην, ἐξεπονησάμην· ὅσα ὦραι φέρουσι, πάντα ἔχων ἐν αὐτῷ καθ' ὦραν ἐκάστην. Ἦρος ῥόδα καὶ κρίνα καὶ ὑάκινθος καὶ ἴα ἀμφότερα, θέρους μήκωνες καὶ ἀχράδες καὶ μῆλα πάντα, νῦν ἄμπελοι καὶ συκαῖ καὶ ῥοιαὶ καὶ μύρτα χλωρά. Εἰς τοῦτον τὸν κῆπον ὀρνίθων ἀγέλαι συνέρχονται τὸ ἐωθινόν, τῶν μὲν ἐς τροφήν, τῶν δὲ ἐς ὦδην· συνηρεφῆς γὰρ καὶ κατάσκιος καὶ πηγαῖς τρισὶ κατάρρυτος· ἂν περιέλη τις τὴν αἵμασιάν, ἄλσος ὄρα ἰθήσεται.’

[2.4] Ἐἰσελθόντι δὲ μοι τήμερον ἀμφὶ μέσην ἡμέραν ὑπὸ ταῖς ῥοιαῖς καὶ ταῖς μυρρίναις βλέπεται παῖς, μύρτα καὶ ῥοιάς ἔχων, λευκὸς ὡς γάλα, ξανθὸς ὡς πῦρ, στιλπνὸς ὡς ἄρτι λελουμένος· γυμνὸς ἦν, μόνος ἦν· ἔπαιζεν ὡς ἴδιον κῆπον τρυγῶν. Ἐγὼ μὲν οὖν ὥρμησα ἐπ' αὐτὸν ὡς συλληψόμενος, δείσας μὴ ὑπὲρ ἀγερωχίας τὰς μυρρίνας καὶ τὰς ῥοιάς κατακλάσῃ· ὁ δὲ με κούφως καὶ ῥαδίως ὑπέφευγε, ποτὲ μὲν ταῖς ῥοδωνιαῖς ὑποτρέχων, ποτὲ δὲ ταῖς μήκωσιν ὑποκρυπτόμενος, ὥσπερ πέρδικος νεοττός. Καίτοι πολλάκις μὲν πράγματα ἔσχον ἐρίφους γαλαθηνούς διώκων, πολλάκις δὲ ἔκαμον μεταθέων μόσχους ἀρτιγεννήτους· ἀλλὰ τοῦτο ποικίλον τι χρῆμα ἦν καὶ ἀθήρατον. Καμῶν οὖν ὡς γέρων καὶ ἐπερειαμένος τῇ βακτηρίᾳ καὶ ἅμα φυλάττων μὴ φύγοι, ἐπυθανόμην τίνας ἐστὶ τῶν γειτόνων, καὶ τί βουλόμενος ἀλλότριον κῆπον τρυγᾷ. Ὁ δὲ ἀπεκρίνατο μὲν οὐδέν, στὰς δὲ πλησίον ἐγέλα πάνυ ἀπαλὸν καὶ ἔβαλλέ με τοῖς μύρτοις καὶ οὐκ οἶδ' ὅπως ἔθελγε μηκέτι θυμοῦσθαι. Ἐδεόμην οὖν εἰς χεῖρας ἐλθεῖν μηδὲν φοβούμενον ἔτι, καὶ ὤμυσον κατὰ τῶν μύρτων ἀφήσειν, ἐπιδούς μήλων καὶ ῥοιῶν, παρέξειν τε αἰεὶ τρυγᾶν τὰ φυτὰ καὶ δρέπειν τὰ ἄνθη, τυχῶν παρ' αὐτοῦ φιλήματος ἐνός.’

[2.5] Ἐνταῦθα πάνυ καπυρὸν γελάσας ἀφίησι φωνήν, οἶαν οὔτε χελιδῶν οὔτε ἀηδῶν οὔτε κύκνος, ὁμοίως ἐμοὶ γέρων γενόμενος. Ἐμοὶ μὲν, ὦ Φιλητᾶ, φιλήσαί σε φθόνος οὐδεὶς· βούλομαι γὰρ φιλεῖσθαι μᾶλλον ἢ σὺ γενέσθαι νέος· ὄρα δὲ εἴ σοι καθ' ἡλικίαν τὸ δῶρον· οὐδὲν γὰρ σε ὠφελήσει τὸ γῆρας πρὸς τὸ μὴ διώκειν ἐμὲ μετὰ τὸ ἐν φίλημα. Δυσθήρατος ἐγώ καὶ ἰέρακι καὶ ἀετῷ καὶ εἴ τις ἄλλος τούτων ὠκύτερος ὄρνις. Οὐ τοι παῖς ἐγώ καὶ εἰ δοκῶ παῖς, ἀλλὰ καὶ τοῦ Κρόνου πρεσβύτερος καὶ αὐτοῦ τοῦ παντός. Καὶ σε οἶδα νέμοντα πρῶθῆβην ἐν ἐκείνῳ τῷ ὄρει τὸ πλατὺ βουκόλιον καὶ παρήμην σοι συρίττοντι πρὸς ταῖς φηγοῖς ἐκείναις, ἡνίκα ἦρας Ἀμαρυλλίδος· ἀλλὰ με οὐχ ἐώρας καίτοι πλησίον μάλα τῇ κόρῃ παρεστῶτα. Σοὶ μὲν οὖν ἐκείνην ἔδωκα· καὶ ἤδη σοι παῖδες, ἀγαθοὶ βουκόλοι καὶ γεωργοί· νῦν δὲ Δάφνιν ποιμαίνω καὶ Χλόην· καὶ ἡνίκα ἂν αὐτοὺς εἰς ἐν συναγάγω

τὸ ἐωθινόν, εἰς τὸν σὸν ἔρχομαι κῆπον καὶ τέρπομαι τοῖς ἄνθεσι καὶ τοῖς φυτοῖς κὰν ταῖς πηγαῖς ταύταις λούομαι. Διὰ τοῦτο καλὰ καὶ τὰ ἄνθη καὶ τὰ φυτὰ, τοῖς ἐμοῖς λουτροῖς ἀρδόμενα. "Ὅρα δὲ μὴ τί σοι τῶν φυτῶν κατακέκλασται, μὴ τις ὀπώρα τετρύγηται, μὴ τις ἄνθος ρίζα πεπάτηται, μὴ τις πηγὴ τετάρρακται, καὶ χαῖρε μόνος ἀνθρώπων ἐν γῆρα θεασάμενος τοῦτο τὸ παιδίον."

[2.6] 'ταῦτ' εἰπὼν ἀνήλατο καθάπερ ἀηδόνας νεοττὸς ἐπὶ τὰς μυρρίνας, καὶ κλάδον ἀμείβων ἐκ κλάδου διὰ τῶν φύλλων ἀνεῖρπεν εἰς ἄκρον. Εἶδον αὐτοῦ καὶ πτέρυγας ἐκ τῶν ὤμων καὶ τοξάρια μεταξὺ τῶν πτερύγων, καὶ οὐκέτι εἶδον οὔτε ταῦτα οὔτε αὐτόν. Εἰ δὲ μὴ μάτην ταύτας τὰς πολιὰς ἔφουσα μηδὲ γηράσας ματαιοτέρας τὰς φρένας ἐκτησάμην, "Ἐρωτι, ὦ παῖδες, κατέσπεισθε καὶ "Ἐρωτι ὑμῶν μέλει.'

[2.7] πάνυ ἐτέρφθησαν ὥσπερ μῦθον οὐ λόγον ἀκούοντες καὶ ἐπυνθάνοντο τί ἐστί ποτε ὁ "Ἐρως, πότερα παῖς ἢ ὄρνις, καὶ τί δύναται. Πάλιν οὖν ὁ Φιλητᾶς ἔφη "θεὸς ἐστίν, ὦ παῖδες, ὁ "Ἐρως, νέος καὶ καλὸς καὶ πετόμενος· διὰ τοῦτο καὶ νεότητι χαίρει καὶ κάλλος διώκει καὶ τὰς ψυχὰς ἀναπτεροῖ. Δύναται δὲ τοσοῦτον ὅσον οὐδὲ ὁ Ζεὺς. Κρατεῖ μὲν στοιχείων, κρατεῖ δὲ ἄστρον, κρατεῖ δὲ τῶν ὁμοίων θεῶν· οὐδὲ ὑμεῖς τοσοῦτον τῶν αἰγῶν καὶ τῶν προβάτων. Τὰ ἄνθη πάντα "Ἐρωτος ἔργα· τὰ φυτὰ πάντα τούτου ποιήματα· διὰ τοῦτον καὶ ποταμοὶ ῥέουσι καὶ ἄνεμοι πνέουσιν. "Ἐγνων δὲ ἐγὼ καὶ ταῦρον ἐρασθέντα, καὶ ὡς οἴστρω πληγεῖς ἐμυκάτο· καὶ τράγον φιλήσαντα αἶγα, καὶ ἠκολούθει πανταχοῦ. Αὐτὸς μὲν γὰρ ἤμην νέος καὶ ἠράσθην Ἀμαρυλλίδος· καὶ οὔτε τροφῆς ἐμεμνήμην οὔτε ποτὸν προσεφερόμην οὔτε ὕπνον ἠρούμην. "Ἦλθον τὴν ψυχὴν, τὴν καρδίαν ἐπαλλόμην, τὸ σῶμα ἐψυχόμην· ἐβόων ὡς παιόμενος, ἐσιώπων ὡς νεκρούμενος, εἰς ποταμοὺς ἐνέβαινον ὡς καόμενος. Ἐκάλουν τὸν Πᾶνα βοηθόν, ὡς καὶ αὐτόν τῆς Πίτυος ἐρασθέντα· ἐπήνουν τὴν Ἥχῶ τὸ Ἀμαρυλλίδος ὄνομα μετ' ἐμὲ καλοῦσαν· κατέκλων τὰς σύριγγας, ὅτι μοι τὰς μὲν βοῦς ἔθελγον, Ἀμαρυλλίδα δὲ οὐκ ἤγον. "Ἐρωτος γὰρ οὐδὲν φάρμακον, οὐ πινόμενον, οὐκ ἐσθιόμενον, οὐκ ἐν ὠδαῖς λαλούμενον, ὅτι μὴ φίλημα καὶ περιβολὴ καὶ συγκατακλιθῆναι γυμνοῖς σώμασι.'

[2.8] Φιλητᾶς μὲν τοσαῦτα παιδεύσας αὐτοὺς ἀπαλλάττεται, τυρούς τινας παρ' αὐτῶν καὶ ἔριφον ἤδη κεράστην λαβών· οἱ δὲ μόνοι καταλειφθέντες, καὶ τότε πρῶτον ἀκούσαντες τὸ "Ἐρωτος ὄνομα τὰς τε ψυχὰς συνεστάλησαν ὑπὸ λύπης, καὶ ἐπανελθόντες νύκτωρ εἰς τὰς ἐπαύλεις παρέβαλλον οἷς ἤκουσαν τὰ αὐτῶν. Ἀλγοῦσιν οἱ ἐρῶντες· καὶ ἡμεῖς ἀλγοῦμεν. Τροφῆς ἀμελοῦσιν· ἡμελήκαμεν ὁμοίως. Καθεύδειν οὐ δύνανται· τοῦτο νῦν πάσχομεν καὶ ἡμεῖς. Κάεσθαι δοκοῦσι· καὶ παρ' ἡμῖν τὸ πῦρ. Ἐπιθυμοῦσιν ἀλλήλους ὄραν· διὰ τοῦτο θᾶπτον εὐχόμεθα γενέσθαι τὴν ἡμέρα. Σχεδὸν τοῦτ' ἐστίν ὁ ἔρως, καὶ ἐρῶμεν ἀλλήλων οὐκ εἰδότες. Εἰ γὰρ τοῦτο μὴ ἐστίν ὁ ἔρως ἐγὼ δὲ ὁ ἐρώμενος, τί οὖν ταῦτ' ἀλγοῦμεν, τί δὲ ἀλλήλους ζητοῦμεν; ἀληθῆ πάντα εἶπεν ὁ Φιλητᾶς. Τὸ ἐκ τοῦ κήπου παιδίον ὦφθη καὶ τοῖς πατράσιν ἡμῶν ὄναρ ἐκεῖνο καὶ νέμειν ἡμᾶς τὰς ἀγέλας ἐκέλευσε. Πῶς ἂν τις αὐτὸ λάβοι; σμικρὸν ἐστί καὶ φεύξεται. Καὶ πῶς ἂν τις αὐτὸ φύγοι; πτερὰ ἔχει καὶ καταλήψεται. Ἐπὶ τὰς Νύμφας δεῖ βοηθοὺς καταφεύγειν. Ἀλλ' οὐδὲ Φιλητᾶν ὁ Πᾶν ὠφέλησεν Ἀμαρυλλίδος ἐρῶντα. "Ὅσα εἶπεν ἄρα φάρμακα, ταῦτα ζητητέον, φίλημα καὶ περιβολὴν καὶ κεῖσθαι γυμνοὺς χαμαί. Κρύος μὲν, ἀλλὰ καρτερήσομεν δευτέροι μετὰ Φιλητᾶν.'

[2.9] Τοῦτο αὐτοῖς γίνεται νυκτερινὸν παιδευτήριον. Καὶ ἀγαγόντες τῆς ἐπιούσης ἡμέρας τὰς ἀγέλας ἐς νομήν, ἐφίλησαν ἀλλήλους ἰδόντες καὶ ὁ μῆπω πρότερον ἐποίησαν περιέβαλον τὰς χεῖρας ἐπαλλάξαντες· τὸ δὲ τρίτον ὠκνουν φάρμακον ἀποδυσθέντες κατακλιθῆναι· θρασύτερον γὰρ οὐ μόνον παρθένῳ ἀλλὰ

καὶ νέφω αἰπόλω. Πάλιν οὖν νύξ ἀγρυπνίαν ἔχουσα καὶ ἔννοϊαν τῶν γεγενημένων καὶ κατάμεμψιν τῶν παραλελειμμένων. Ἐφιλήσαμεν, καὶ οὐδὲν ὄφελος· περιεβάλομεν, καὶ οὐδὲν πλέον ἔσχομεν· τὸ οὖν συγκατακλινῆναι μόνον φάρμακον ἔρωτος. Πειρατέον καὶ τούτου· πάντως ἐν αὐτῷ τι κρεῖττον ἔστι φιλήματος.'

[2.10] Ἐπὶ τούτοις τοῖς λογισμοῖς οἷον εἰκὸς καὶ ὄνειρατα ἐώρων ἐρωτικά, τὰ φιλήματα, τὰς περιβολὰς· καὶ ὅσα μεθ' ἡμέραν οὐκ ἔπραξαν, ταῦτα ὄναρ ἔπραξαν· γυμνοὶ μετ' ἀλλήλων ἔκειντο. Ἐνθεώτεροι δὲ κατὰ τὴν ἐπιούσαν ἡμέραν ἀνέστησαν καὶ ροίζω τὰς ἀγέλας κατήλανον ἐπειγόμενοι πρὸς τὰ φιλήματα· καὶ ἰδόντες ἀλλήλους ἅμα μειδιάματι προσέδραμον. Τὰ μὲν οὖν φιλήματα ἐγένετο καὶ ἡ περιβολὴ τῶν χειρῶν ἠκολούθησε, τὸ δὲ τρίτον φάρμακον ἐβράδυνε, μήτε τοῦ Δάφνιδος τολμῶντος εἰπεῖν, μήτε τῆς Χλόης βουλομένης κατάρχεσθαι, ἔστε τύχη καὶ τοῦτο ἔπραξαν.

[2.11] Καθεζόμενοι ὑπὸ στελέχει δρυὸς πλησίον ἀλλήλων καὶ γευσάμενοι τῆς ἐν φιλήματι τέρψεως ἀπλήστως ἐνεφοροῦντο τῆς ἡδονῆς. Ἦσαν δὲ καὶ χειρῶν περιβολαὶ θλίψιν τοῖς σώμασι παρέχουσαι. Κατὰ δὲ τὴν τῶν χειρῶν περιβολὴν βιαιότερόν τι τοῦ Δάφνιδος ἐπισπασαμένου κλίνεταιίπως ἐπὶ πλευρὰν ἢ Χλόη· κάκεινος δὲ συγκατακλίνεται τῷ φιλήματι ἀκολουθῶν. Καὶ γνωρίσαντες τῶν ὄνειρων τὴν εἰκόνα κατέκειντο πολὺν χρόνον ὥσπερ συνδεδεμένοι. Εἰδότες δὲ τῶν ἐντεῦθεν οὐδὲν καὶ νομίσαντες τοῦτο εἶναι πέρας ἐρωτικῆς ἀπολαύσεως, μάτην τὸ πλεῖστον τῆς ἡμέρας δαπανήσαντες διελύθησαν καὶ τὰς ἀγέλας ἀπήλανον, τὴν νύκτα μισοῦντες. Ἴσως δὲ ἂν τι καὶ τῶν ἀληθῶν ἔπραξαν, εἰ μὴ θόρυβος τοιοῦδε πᾶσαν τὴν ἀγροικίαν ἐκείνην κατέλαβε.

[2.12] Νέοι Μηθυμναῖοι πλούσιοι διαθέσθαι τὸν τρυγητὸν ἐν ξενικῇ τέρψει θελήσαντες, ναῦν σμικρὰν καθελκύσαντες καὶ οἰκέτας προσκώπους καθίσαντες, τοὺς Μυτιληναίων ἀγροὺς παρέπλεον, ὅσοι θαλάττης πλησίον. Εὐλίμενός τε γὰρ ἡ παραλία καὶ οἰκίσεις ἠσκημένη πολυτελῶς, καὶ λουτρὰ συνεχῆ, παράδεισοί τε καὶ ἄλση· τὰ μὲν φύσεως ἔργα, τὰ δ' ἀνθρώπων τέχνη· πάντα ἐνηβῆσαι καλά. Παραπλέοντες δὲ καὶ ἐνορμιζόμενοι κακὸν μὲν ἐποίουν οὐδὲν, τέρψεις δὲ ποικίλας ἐτέρποντο, ποτὲ μὲν ἀγκίστροις καλάμων ἀπηρητημένοις ἐκ λίνου λεπτοῦ πετραίου ἰχθύς ἀλιεύοντες ἐκ πέτρας ἀλιτενοῦς, ποτὲ δὲ κυσὶ καὶ δικτύοις λαγῶς φεύγοντας τὸν ἐν ταῖς ἀμπέλοις θόρυβον λαμβάνοντες· ἤδη δὲ καὶ ὀρνίθων ἄγρας ἐμέλησεν αὐτοῖς, καὶ ἔλαβον βρόχοις χῆνας ἀγρίους καὶ νήττας καὶ ὠτίδας, ὥστε ἡ τέρψις αὐτοῖς καὶ τραπέζης ὠφέλειαν παρεῖχεν. Εἰ δέ τις προσέδει, παρὰ τῶν ἐν τοῖς ἀγροῖς ἐλάμβανον, περιττοτέρους τῆς ἀξίας ὀβολοὺς καταβάλλοντες. Ἔδει δὲ μόνον ἄρτου καὶ οἴνου καὶ στέγης· οὐ γὰρ ἀσφαλὲς ἐδόκει μετοπωρινῆς ὥρας ἐνεστώσης ἐνθαλαττεύειν· ὥστε καὶ τὴν ναῦν ἀνεῖλκον ἐπὶ τὴν γῆν νύκτα χειμέριον δεδοικότες.

[2.13] Τῶν δὴ τις ἀγροίκων ἐς ἀνολκὴν λίθου θλίβοντος τὰ πατηθέντα βοτρυδία χρῆζων σχοίνου, τῆς πρότερον ῥαγείσης, κρύφα ἐπὶ τὴν θάλατταν ἐλθὼν, ἀφρουρήτω τῇ νηὶ προσελθὼν, τὸ πείσμα ἐκλύσας, οἴκαδε κομίσας ἐς ὃ τι ἔχρηζεν ἐχρήσατο. Ἐωθεν οὖν οἱ Μηθυμναῖοι νεανίσκοι ζήτησιν ἐποιοῦντο τοῦ πείσματος καὶ ὠμολόγει γὰρ οὐδεὶς τὴν κλοπὴν ὀλίγα μεμψάμενοι τοὺς ξενοδόκους παρέπλεον· καὶ σταδίους τριάκοντα παρελάσαντες προσορμίζονται τοῖς ἀγροῖς, ἐν οἷς ῥῶκον ὁ Δάφνις καὶ ἡ Χλόη· ἐδόκει γὰρ αὐτοῖς καλὸν εἶναι τὸ πεδῖον ἐς θήραν λαγῶν. Σχοῖνον μὲν οὖν οὐκ εἶχον ὥστε ἐκδήσασθαι πείσμα· λύγον δὲ χλωρὰν μακρὰν στρέψαντες ὡς σχοῖνον, ταύτη τὴν ναῦν ἐκ τῆς πρύμνης ἄκρας εἰς τὴν γῆν ἔδησαν. Ἐπειτα τοὺς κύνας ἀφέντες ῥινηλατεῖν ἐν ταῖς εὐκαίροις φαινομέναις τῶν

ὀδῶν ἐλινοστάτουν. Οἱ μὲν δὴ κύνες ἅμα ὑλακῆ διαθέοντες ἐφόβησαν τὰς αἴγας, αἱ δὲ τὰ ὀρεινὰ καταλιποῦσαι μᾶλλον τι πρὸς τὴν θάλατταν ὥρμησαν· ἔχουσαι δὲ οὐδὲν ἐν ψάμμῳ τρώξιμον, ἐλθοῦσαι πρὸς τὴν ναῦν αἱ θρασύτεραι αὐτῶν, τὴν λύγον τὴν χλωράν, ἣ ἐδέδετο ἡ ναῦς, ἀπέφαγον.

[2.14] Ἦν δέ τι καὶ κλυδώνιον ἐν τῇ θαλάττῃ, κινηθέντος ἀπὸ τῶν ὀρῶν πνεύματος. Ταχὺ δὴ μάλα λυθεῖσαν αὐτὴν ὑπήνεγκεν ἡ παλίρροια τοῦ κύματος καὶ ἐς τὸ πέλαγος μετέωρον ἔφερον. Αἰσθήσεως δὲ τοῖς Μηθυμναίοις γενομένης οἱ μὲν ἐπὶ τὴν θάλατταν ἔθειον, οἱ δὲ τοὺς κύνας συνέλεγον· ἐβόων δὲ πάντες, ὡς πάντας τοὺς ἐκ τῶν πλησίον ἀγρῶν ἀκούσαντας συνελθεῖν. Ἀλλ' ἦν οὐδὲν ὄφελος· τοῦ γὰρ πνεύματος ἀκμάζοντος ἀσχέτῳ τάχει κατὰ ροῦν ἡ ναῦς ἐφέρετο. Οἱ οὖν Μηθυμναῖοι οὐκ ὀλίγων κτημάτων στερόμενοι ἐζήτουντὸν νέμοντα τὰς αἴγας· καὶ εὐρόντες τὸν Δάφνιν ἔπαιον, ἀπέδουν· εἷς δὲ τις καὶ κυνόδεσμον ἀράμενος περιῆγε τὰς χεῖρας ὡς δῆσων. Ὁ δὲ ἐβόα τε παιόμενος καὶ ἰκέτευε τοὺς ἀγροίκους καὶ πρῶτους τὸν Λάμωνα καὶ τὸν Δρύαντα βοηθοὺς ἐπεκαλεῖτο. Οἱ δὲ ἀντείχοντο σκληροὶ γέροντες καὶ χεῖρας ἐκ γεωργικῶν ἔργων ἰσχυρὰς ἔχοντες, καὶ ἠξίουσαν δικαιολογήσασθαι περὶ τῶν γεγενημένων.

[2.15] Ταῦτὰ δὲ καὶ τῶν ἄλλων ἀξιούντων δικαστὴν καθίζουσι Φιλητᾶν τὸν βουκόλον· πρεσβύτατός τε γὰρ ἦν τῶν παρόντων καὶ κλέος εἶχεν ἐν τοῖς κωμήταις δικαιοσύνης περιττῆς. Πρῶτοι δὲ κατηγοροῦν οἱ Μηθυμναῖοι σαφῆ καὶ σύντομα, ἅτε βουκόλον ἔχοντες δικαστὴν. “Ἦλθομεν εἰς τούτους τοὺς ἀγροὺς θηρᾶσαι θέλοντες. Τὴν μὲν οὖν ναῦν λύγῳ χλωρᾷ δήσαντες ἐπὶ τῆς ἀκτῆς κατελίπομεν, αὐτοὶ δὲ διὰ τῶν κυνῶν ζήτησιν ἐποιοῦμεθα θηρίων. Ἐν τούτῳ πρὸς τὴν θάλατταν αἱ αἴγες τούτου κατελθοῦσαι τὴν τε λύγον κατεσθίουσι καὶ τὴν ναῦν ἀπολύουσι. Εἶδες αὐτὴν ἐν τῇ θαλάττῃ φερομένην, πόσων οἶε μεστὴν ἀγαθῶν; Οἷα μὲν ἐσθῆς ἀπόλωλεν, οἷος δὲ κόσμος σκευῶν, ὅσον δὲ ἀργύριον. Τοὺς ἀγροὺς ἂν τις τούτους ἐκεῖνα ἔχων ὠνήσαιοτο. Ἀνθ' ὧν ἀξιούμεν ἄγειν τοῦτον, πονηρὸν ὄντα αἰπόλον, ὃς ἐπὶ τῆς θαλάττης νέμει τὰς αἴγας ὡς ναύτης.”

[2.16] Τοσαῦτα οἱ Μηθυμναῖοι κατηγορήσαν· ὁ δὲ Δάφνις διέκειτο μὲν κακῶς ὑπὸ τῶν πληγῶν, Χλόην δὲ ὀρῶν παροῦσαν πάντων κατεφρόνει καὶ ὧδε εἶπεν “Ἐγὼ νέμω τὰς αἴγας καλῶς. Οὐδέποτε ἠτιάσατο κωμήτης οὐδὲ εἷς ὡς ἡ κῆπόντινος αἶξ ἐμὴ κατεβοσκήσατο ἢ ἄμπελον βλαστάνουσαν κατέκλασεν. Οὗτοι δὲ εἰσι κυνηγέται πονηροὶ καὶ κύνας ἔχουσι κακῶς πεπαιδευμένους, οἵτινες τρέχοντες πολλὰ καὶ ὑλακτοῦντες σκληρὰ κατεδίωξαν αὐτὰς ἐκ τῶν ὀρῶν καὶ τῶν πεδίων ἐπὶ τὴν θάλατταν, ὥσπερ λύκοι. Ἀλλὰ ἀπέφαγον τὴν λύγον· οὐ γὰρ εἶχον ἐν ψάμμῳ πόαν ἢ κόμαρον ἢ θύμον. Ἀλλὰ ἀπώλετο ἡ ναῦς ὑπὸ τοῦ πνεύματος καὶ τῆς θαλάττης· ταῦτα χειμῶνος, οὐκ αἰγῶν ἐστὶν ἔργα. Ἀλλὰ ἐσθῆς ἐνέκειτο καὶ ἄργυρος· καὶ τίς πιστεύσει νοῦν ἔχων ὅτι τοσαῦτα φέρουσα ναῦς πείσμα εἶχε λύγον;”

[2.17] Τούτοις ἐπεδάκρυσεν ὁ Δάφνις καὶ εἰς οἶκτον ὑπηγάγετο τοὺς ἀγροίκους πολὺν, ὥστε ὁ Φιλητᾶς, ὁ δικαστὴς, ὤμνυε Πᾶνα καὶ Νύμφας μηδὲν ἀδικεῖν Δάφνιν, ἀλλὰ μηδὲ τὰς αἴγας, τὴν δὲ θάλατταν καὶ τὸν ἄνεμον, ὧν ἄλλους εἶναι δικαστάς. Ταῦτα λέγων οὐκ ἔπειθε Φιλητᾶς τοὺς Μηθυμναίους, ἀλλ' ὑπὸ ὀργῆς ὀρμήσαντες ἦγον πάλιν τὸν Δάφνιν καὶ συνδεῖν ἠθέλον. Ἐνταῦθα οἱ κωμήται παραχθέντες ἐπιπηδῶσιν αὐτοῖς ὡσεὶ ψᾶρες ἢ κολοιοί· καὶ ταχὺ μὲν ἀφαιροῦνται τὸν Δάφνιν ἤδη καὶ αὐτὸν μαχόμενον, ταχὺ δὲ ξύλοις παίοντες ἐκείνους εἰς φυγὴν ἐτρέψαντο· ἀπέστησαν δὲ οὐ πρότερον ἔστε τῶν ὀρῶν αὐτοὺς ἐξήλασαν ἐς ἄλλους ἀγροὺς.



[2.18] Διωκόντων δὴ τοὺς Μηθυμναίους ἐκείνων ἢ Χλόη κατὰ πολλὴν ἡσυχίαν ἄγει πρὸς τὰς Νύμφας τὸν Δάφνιν καὶ ἀπονίπτει τε τὸ πρόσωπον ἡμαγμένον ἐκ τῶν ῥινῶν ῥαγισῶν ὑπὸ πληγῆς τινος, κάκ τῆς πῆρας προκομίσασα ζυμίτου μέρος καὶ τυροῦ τμημά τι, δίδωσι φαγεῖν· τό τε μάλιστα ἀνακτησόμενον αὐτόν, φίλημα ἐφίλησε μελιτῶδες ἀπαλοῖς τοῖς χεῖλεσι.

[2.19] Τότε μὲν δὴ παρὰ τοσοῦτον Δάφνις ἦλθε κακοῦ. Τὸ δὲ πρᾶγμα οὐ ταύτη ἐπέπαυτο, ἀλλ' ἐλθόντες οἱ Μηθυμναῖοι μόλις εἰς τὴν ἑαυτῶν, ὁδοιπόροι μὲν ἀντὶ ναυτῶν τραυματῖαι δὲ ἀντὶ τρυφῶντων, ἐκκλησίαν τε συνήγαγον τῶν πολιτῶν καὶ ἰκετηρίας θέντες ἰκέτευον τιμωρίας ἀξιωθῆναι· τῶν μὲν ἀληθῶν λέγοντες οὐδὲ ἓν, μὴ καὶ πρὸς καταγέλαστοι γένοιτο τοιαῦτα καὶ τοσαῦτα παθόντες ὑπὸ ποιμένων, κατηγοροῦντες δὲ Μυτιληναίων, ὡς τὴν ναῦν ἀφελομένων καὶ τὰ χρήματα διαρπασάντων πολέμου νόμῳ. Οἱ δὲ πιστεύοντες διὰ τὰ τραύματα καὶ νεανίσκοις τῶν πρώτων παρ' αὐτοῖς οἰκιῶν τιμωρῆσαι δίκαιον νομίζοντες Μυτιληναίοις μὲν πόλεμον ἀκήρυκτον ἐψηφίσαντο· τὸν δὲ στρατηγὸν ἐκέλευσαν δέκα ναῦς καθελκύσαντα κακουργεῖν αὐτῶν τὴν παραλίαν· πλησίον γὰρ χειμῶνος ὄντος οὐκ ἦν ἀσφαλὲς μείζονα στόλον πιστεύειν τῇ θαλάττῃ.

[2.20] Ὁ δὲ εὐθύς τῆς ἐπιούσης ἀναγόμενος αὐτερέταις στρατιώταις ἐπέπλει τοῖς παραθαλαττίοις τῶν Μυτιληναίων ἀγροῖς. Καὶ πολλὰ μὲν ἤρπαξε ποιμνία, πολὺν δὲ σῖτον καὶ οἶνον, ἄρτι πεπαυμένου τοῦ τρυγητοῦ, καὶ ἀνθρώπους δὲ οὐκ ὀλίγους, ὅσοι τούτων ἐργάται. Ἐπέπλευσε καὶ τοῖς τῆς Χλόης ἀγροῖς καὶ τοῦ Δάφνιδος, καὶ ἀπόβασιν ὀξεῖαν θέμενος λείαν ἤλαυνε τὰ ἐν ποσίν. Ὁ μὲν οὖν Δάφνις οὐκ ἔνεμε τὰς αἴγας ἀλλὰ ἐς τὴν ὕλην ἀνελθὼν φυλλάδα χλωρὰν ἔκοπτεν, ὡς ἔχοι τοῦ χειμῶνος παρέχειν τοῖς ἐρίφοις τροφήν· ὥστε ἄνωθεν θεασάμενος τὴν καταδρομὴν ἐνέκρυσεν ἑαυτὸν στελέχει κοίλῳ ξηρᾶς ὀξύτης· ἡ δὲ Χλόη παρῆν ταῖς ἀγέλαις καὶ διωκομένη καταφεύγει πρὸς τὰς Νύμφας ἰκέτις καὶ ἐδεῖτο φείσασθαι καὶ ὦν ἔνεμε καὶ αὐτῆς διὰ τὰς θεάς. Ἄλλ' ἦν οὐδὲν ὄφελος· οἱ γὰρ Μηθυμναῖοι πολλὰ τῶν ἀγαλμάτων κατακερτομήσαντες καὶ τὰς ἀγέλας ἤλασαν κάκείνην ἤγαγον ὥσπερ αἶγα ἢ πρόβατον παίοντες λύγοις.

[2.21] Ἐχοντες δὲ ἤδη τὰς ναῦς παντοδαπῆς ἀρπαγῆς μεστάς, οὐκέτ' ἐγίνωσκον περαιτέρω πλεῖν, ἀλλὰ τὸν οἶκαδε πλοῦν ἐποιοῦντο καὶ τὸν χειμῶνα καὶ τοὺς πολεμίους δεδιότες. Οἱ μὲν οὖν ἀπέπλεον εἰρεσία προσταλαιπωροῦντες· ἄνεμος γὰρ οὐκ ἦν· ὁ δὲ Δάφνις ἡσυχίας γενομένης ἐλθὼν εἰς τὸ πεδῖον ἔνθα ἔνεμον, καὶ μήτε τὰς αἴγας ἰδὼν μήτε τὰ πρόβατα καταλαβὼν μήτε Χλόην εὐρῶν ἀλλ' ἐρημίαν πολλὴν καὶ τὴν σύριγγα ἐρριμμένην, ἣ συνήθως ἐτέρπετο ἡ Χλόη, μέγα βοῶν καὶ ἐλεεινὸν κωκῶν ποτὲ μὲν πρὸς τὴν φηγὸν ἔτρεχεν ἔνθα ἐκαθέζοντο, ποτὲ δὲ ἐπὶ τὴν θάλατταν ὡς ὀψόμενος αὐτήν, ποτὲ δὲ ἐπὶ τὰς Νύμφας, ἐφ' ἃς ἐλκομένη κατέφυγεν. Ἐνταῦθα καὶ ἔρριψεν ἑαυτὸν χαμαὶ καὶ ταῖς Νύμφαις ὡς προδούσαις κατεμέμετο.

[2.22] Ἄφ' ὑμῶν ἤρπάσθη Χλόη, καὶ τοῦτο ὑμεῖς ἰδεῖν ὑπεμίνατε; ἢ τοὺς στεφάνους ὑμῖν πλέκουσα, ἢ σπένδουσα τοῦ πρώτου γάλακτος, ἧς καὶ ἡ σύριγγ' ἦδε ἀνάθημα; Αἶγα μὲν οὐδὲ μίαν μοι λύκος ἤρπασε, πολέμιοι δὲ τὴν ἀγέλην καὶ τὴν συννέμουσαν. Καὶ τὰς μὲν αἴγας ἀποδεροῦσι καὶ τὰ πρόβατα καταθύσουσι, Χλόη δὲ λοιπὸν πόλιν οἰκήσει. Ποίοις ποσίν ἄπειμι παρὰ τὸν πατέρα καὶ τὴν μητέρα ἄνευ τῶν αἰγῶν, ἄνευ Χλόης, λιπερνῆτης γενόμενος; ἔχω γὰρ νέμειν ἔτι οὐδέν. Ἐνταῦθα περιμενῶ κείμενος ἢ θάνατον ἢ πόλεμον δεύτερον. Ἄρα καὶ σύ, Χλόη, τοιαῦτα πάσχεις; ἄρα μέμνησαι τοῦ πεδίου τοῦδε καὶ τῶν Νυμφῶν τῶνδε κάμου; ἢ παραμυθοῦνταί σε τὰ πρόβατα καὶ αἱ αἶγες αἰχμάλωτοι μετὰ σοῦ γερόμεναι;



ἐφόβει δὲ τοὺς ἀκούοντας ὡς σάλπιγξ. Ἐταράττοντο οὖν καὶ ἐπὶ τὰ ὄπλα ἔθειον καὶ πολεμίους ἐκάλουν τοὺς οὐ βλεπομένους, ὥστε πάλιν εὐχοντο νύκτα ἐπελθεῖν, ὡς τευξόμενοι σπονδῶν ἐν αὐτῇ. Συνετὰ μὲν οὖν πᾶσιν ἦν τὰ γινόμενα τοῖς φρονουῖσιν ὀρθῶς ὅτι ἐκ Πανὸς ἦν τὰ φαντάσματα καὶ ἀκούσματα μηνιοντός τι τοῖς ναύταις· οὐκ εἶχον δὲ τὴν αἰτίαν συμβαλεῖν· οὐδὲν γὰρ ἱερὸν ἐσεσύλητο Πανός, ἔστε ἀμφὶ μέσην ἡμέραν ἐς ὕπνον οὐκ ἀθειὶ τοῦ στρατηγοῦ καταπεσόντος αὐτὸς ὁ Πᾶν ὦφθη τοιάδε λέγων

[2.27] “Ὡ πάντων ἀνοσιώτατοι καὶ ἀσεβέστατοι, τί ταῦτα μαινομέναις φρεσὶν ἐτολήσατε; Πολέμου μὲν τὴν ἀγροικίαν ἐνεπλήσατε τὴν ἐμοὶ φίλην, ἀγέλας δὲ βοῶν καὶ αἰγῶν καὶ ποιμνίων ἀπηλάσατε τὰς ἐμοὶ μελομένας· ἀπεσπάσατε δὲ βωμῶν παρθένον, ἐξ ἧς Ἔρωσ μῦθον ποιῆσαι θέλει· καὶ οὔτε τὰς Νύμφας ἠδέσθητε βλεπούσας οὔτε τὸν Πᾶνα ἐμέ. Οὐτ’ οὖν Μήθυμναν ὄψεσθε μετὰ τοιούτων λαφύρων πλέοντες, οὔτε τήνδε φεύξεσθε τὴν σύριγγα τὴν ὑμᾶς ταραξάσαν· ἀλλὰ ὑμᾶς βορὰν ἰχθύων θήσω καταδύσας, εἰ μὴ τὴν ταχίστην καὶ Χλόην ταῖς Νύμφαις ἀποδώσεις καὶ τὰς ἀγέλας Χλόης. Ἀνάστα δὴ καὶ ἐκβίβαζε τὴν κόρην μεθ’ ὧν εἶπον. Ἠγήσομαι δὲ ἐγὼ καὶ σοὶ τοῦ πλοῦ κάκεινη τῆς ὁδοῦ.”

[2.28] Πάνυ οὖν τεθορυβημένος ὁ Βρύαξις· τοῦτο γὰρ ἐκαλεῖτο ὁ στρατηγός· ἀναπηδᾷ καὶ τῶν νεῶν καλέσας τοὺς ἡγεμόνας ἐκέλευσε τὴν ταχίστην ἐν τοῖς αἰχμαλώτοις ἀναζητεῖσθαι Χλόην. Οἱ δὲ ταχέως καὶ ἀνεῦρον καὶ εἰς ὀφθαλμοὺς ἐκόμισαν· ἐκαθέζετο γὰρ τῆς πίτυος ἐστεφανωμένη. Σύμβολον δὴ καὶ τοῦτο τῆς ἐν τοῖς ὀνειροῖς ὄψεως ποιούμενος ἐπ’ αὐτῆς τῆς ναυαρχίδος εἰς τὴν γῆν αὐτὴν κομίζει. Κάκεινη ἄρτι ἀπεβεβήκει καὶ σύριγγος ἤχος ἀκούεται πάλιν ἐκ τῆς πέτρας, οὐκέτι πολεμικός καὶ φοβερός, ἀλλὰ ποιμενικός καὶ οἶος εἰς νομὴν ἡγεῖται ποιμνίων. Καὶ τὰ τε πρόβατα κατὰ τῆς ἀποβάθρας ἐξέτρεχεν ἐξολισθάνοντα τοῖς κέρασι τῶν χηλῶν, καὶ αἱ αἶγες πολὺ θρασύτερον, οἷα καὶ κρηνοβατεῖν εἰθισμένοι.

[2.29] Καὶ ταῦτα μὲν περιίσταται κύκλω τὴν Χλόην ὥσπερ χορός, σκιρτῶντα καὶ βληχώμενα καὶ ὅμοια χαίρουσιν· αἱ δὲ τῶν ἄλλων αἰπόλων αἶγες καὶ τὰ πρόβατα καὶ τὰ βουκόλια κατὰ χώραν ἔμενον ἐν κοίλῃ νήϊ, καθάπερ αὐτὰ τοῦ μέλους μὴ καλοῦντος. Θαύματι δὲ πάντων ἐχομένων καὶ τὸν Πᾶνα εὐφημούντων ὦφθη τούτων ἐν τοῖς στοιχείοις ἀμφοτέροις θαυμασιώτερα. Τῶν μὲν Μηθυμναίων, πρὶν ἀνασπάσαι τὰς ἀγκύρας, ἔπλεον αἱ νῆες καὶ τῆς ναυαρχίδος ἡγεῖτο δελφὶν πηδῶν ἐξ ἀλός· τῶν δὲ αἰγῶν καὶ τῶν προβάτων ἡγεῖτο σύριγγος ἤχος ἡδιστος, καὶ τὸν συρίττοντα ἔβλεπεν οὐδεὶς, ὥστε τὰ ποίμνια καὶ αἱ αἶγες προήεσαν ἅμα καὶ ἐνέμοντο τερπόμεναι τῷ μέλει.

[2.30] Δευτέρας πού νομῆς καιρὸς ἦν, καὶ ὁ Δάφνις ἀπὸ σκοπῆς τινος μετεώρου θεασάμενος τὰς ἀγέλας καὶ τὴν Χλόην, μέγα βοήσας ‘ὦ Νύμφαι καὶ Πᾶν’ κατέδραμεν εἰς τὸ πεδῖον καὶ περιπλακεὶς τῇ Χλόῃ λιποθυμήσας κατέπεσε. Μόλις δὲ ἔμβιος ὑπὸ τῆς Χλόης φιλούσης καὶ ταῖς περιβολαῖς θαλπούσης γενόμενος ἐπὶ τὴν συνήθη φηγὸν ἔρχεται· καὶ ὑπὸ τῷ στελέχει καθίσας ἐπυρθάνετο πῶς ἀπέδρα τοσοῦτους πολεμίους. Ἡ δὲ αὐτῷ κατέλεξε πάντα, τὸν τῶν αἰγῶν κιττόν, τὸν τῶν προβάτων ὠρυγμόν, τὴν ἐπανθήσασαν τῇ κεφαλῇ πίτυν, τὸ ἐν τῇ γῆ πῦρ, τὸν ἐν τῇ θαλάττῃ κτύπον, τὰ συρίγματα ἀμφοτέρα, τὸ πολεμικὸν καὶ τὸ εἰρηνικόν, τὴν νύκτα τὴν φοβεράν, καὶ ὅπως αὐτῇ τὴν ὁδὸν ἀγνοοῦση καθηγήσατο τῆς ὁδοῦ μουσική. Γνωρίσας οὖν ὁ Δάφνις τὰ τῶν Νυμφῶν ὀνειράτα καὶ τὰ τοῦ Πανὸς ἔργα διηγεῖται καὶ αὐτὸς ὅσα εἶδεν, ὅσα ἤκουσεν· ὅτι μέλλων ἀποθνήσκειν διὰ τὰς Νύμφας ἔζησε. Καὶ τὴν μὲν ἀποπέμπει κομιοῦσαν τοὺς ἀμφὶ τὸν Δρύαντα καὶ Λάμωνα καὶ ὅσα πρέπει θυσία· αὐτὸς δὲ ἐν τούτῳ τῶν αἰγῶν τὴν ἀρίστην συλλαβὴν καὶ κιττῷ στεφανώσας, ὥσπερ ὦφθησαν τοῖς πολεμίοις, καὶ γάλα τῶν

κεράτων κατασπείσας, ἔθυσέ τε ταῖς Νύμφαις καὶ κρεμάσας ἀπέδειρε καὶ τὸ δέριμα ἀνέθηκεν.

[2.31] Ἦδη δὲ παρόντων τῶν ἀμφὶ τὴν Χλόην, πῦρ ἀνακαύσας καὶ τὰ μὲν ἐψήσας τῶν κρεῶν τὰ δὲ ὀπτήσας ἀπήρξατό τε ταῖς Νύμφαις καὶ κρατῆρα μεστὸν γλεύκους ἐπέσπεισε· καὶ ἐκ φυλλάδος στιβάδας ὑποστορέσας ἐντεῦθεν ἐν τροφῇ ἦν καὶ πότῳ καὶ παιδιᾷ· καὶ ἅμα τὰς ἀγέλας ἐπεσκόπει, μὴ λύκος ἐμπεσῶν ἔργα ποιήσῃ πολεμίων. Ἦσαν τινες καὶ ῥῥῶδες εἰς τὰς Νύμφας, παλαιῶν ποιμένων ποιήματα. Νυκτὸς δὲ ἐπελθούσης αὐτοῦ κοιμηθέντες ἐν τῷ ἀγρῷ, τῆς ἐπιούσης τοῦ Πανὸς ἐμνημόνευσαν, καὶ τῶν τράγων τὸν ἀγελάρχην στεφανώσαντες πίτυος προσήγαγον τῇ πίτυι, καὶ ἀποσπείσαντες οἴνου καὶ εὐφημοῦντες τὸν θεὸν ἔθυσαν, ἐκρέμασαν, ἀπέδειραν· καὶ τὰ μὲν κρέα ὀπτήσαντες καὶ ἐψήσαντες πλησίον ἔθηκαν ἐν τῷ λειμῶνι, ἐν τοῖς φύλλοις· τὸ δὲ δέριμα κέρασιν αὐτοῖς ἐνέπηξαν τῇ πίτυι πρὸς τῷ ἀγάλματι, ποιμενικὸν ἀνάθημα ποιμενικῷ θεῷ. Ἀπήρξαντο καὶ τῶν κρεῶν, ἀπέσπεισαν καὶ κρατῆρος μείζονος· ἦσαν ἡ Χλόη, ὁ Δάφνις ἐσύρισεν.

[2.32] Ἐπὶ τούτοις κατακλινέντες ἦσθιον· καὶ αὐτοῖς ἐφίσταται Φιλητᾶς ὁ βουκόλος κατὰ τύχην στεφανίσκους τινὰς τῷ Πανὶ κομίζων καὶ βότρυς ἔτι ἐν φύλλοις καὶ κλήμασι· καὶ αὐτῷ τῶν παιδῶν ὁ νεώτατος εἶπετο Τίτυρος, πυρρὸν παιδίον καὶ γλαυκόν, λευκὸν παιδίον καὶ ἀγέρωχον· καὶ ἤλλετο κοῦφα, βαδίζων ὡσπερ ἔριφος. Ἀναπηδήσαντες οὖν συνεστεφάνουν τὸν Πᾶνα καὶ τὰ κλήματα τῆς κόμης τῆς πίτυος ἐξήρτων, καὶ κατακλινάντες πλησίον αὐτῶν συμπότην ἐποιοῦντο. Καὶ οἷα δὴ γέροντες ὑποβεβρεγμένοι πρὸς ἀλλήλους πολλὰ ἔλεγον· ὡς ἔνεμον ἠνίκα ἦσαν νέοι, ὡς πολλὰς ληστῶν καταδρομὰς διέφυγον· ἐσεμνύνετό τις ὡς λύκον ἀποκτείνας, ἄλλος ὡς μόνου τοῦ Πανὸς δεύτερα συρίσας· τοῦτο τοῦ Φιλητᾶ τὸ σεμνολόγημα ἦν.

[2.33] Ὁ οὖν Δάφνις καὶ ἡ Χλόη πάσας δεήσεις προσέφερον μεταδοῦναι καὶ αὐτοῖς τῆς τέχνης, συρίσαι τε ἐν ἑορτῇ θεοῦ σύριγγι χαίροντος. Ἐπαγγέλλεται Φιλητᾶς, καίτοι τὸ γῆρας ὡς ἄπνουν μεμψάμενος, καὶ ἔλαβε σύριγγα τὴν τοῦ Δάφνιδος. Ἡ δὲ ἦν μικρὰ πρὸς μεγάλην τέχνην, οἷα ἐν στόματι παιδὸς ἐμπνεομένη. Πέμπει οὖν Τίτυρον ἐπὶ τὴν ἑαυτοῦ σύριγγα, τῆς ἐπαύλεως ἀπεχούσης σταδίου δέκα. Ὁ μὲν οὖν ρίψας τὸ ἐγκόμβωμα γυμνὸς ὥρμησε τρέχειν, ὡσπερ νεβρός· ὁ δὲ Λάμων ἐπηγγείλατο αὐτοῖς τὸν περὶ τῆς σύριγγος ἀφηγήσεσθαι μῦθον, ὃν αὐτῷ Σικελὸς ωἰπόλος ἦσεν ἐπὶ μισθῷ τράγῳ καὶ σύριγγι.

[2.34] Ἄττη ἡ σύριγγις τὸ ὄργανον οὐκ ἦν ὄργανον ἀλλὰ παρθένος καλὴ καὶ τὴν φωνὴν μουσική. Αἶγας ἔνεμεν, Νύμφαις συνέπαιζεν, ἦδεν οἶον νῦν. Πᾶν ταύτης νεμούσης παιζούσης ἀδούσης προσελθὼν ἔπειθεν ἐς ὃ τι ἔχρηζε, καὶ ἐπηγγέλλετο τὰς αἶγας πάσας θήσειν διδυματόκους. Ἡ δὲ ἐγέλα τὸν ἔρωτα αὐτοῦ, οὐδὲ ἐραστὴν ἔφη δέξεσθαι τὸν μήτε τράγον ὄντα μήτε ἄνθρωπον ὀλόκληρον. Ὁρμᾶ διώκειν ὁ Πᾶν πρὸς βίαν· ἡ Σύριγγις ἔφευγε καὶ τὸν Πᾶνα καὶ τὴν βίαν· φεύγουσα κάμνουσα ἐς δόνακας κρύπτεται, εἰς ἔλος ἀφανίζεται. Πᾶν τοὺς δόνακας ὀργῇ τεμῶν, τὴν κόρην οὐχ εὐρών, τὸ πάθος μαθὼν τὸ ὄργανον νοεῖ, τοὺς καλάμους κηρῷ συνδήσας ἀνίσους, καθ' ὃ τι καὶ ὁ ἔρως ἀνίσος αὐτοῖς· καὶ ἡ τότε παρθένος καλὴ νῦν ἐστὶ σύριγγις μουσική.

[2.35] Ἄρτι ἐπέπαυτο τοῦ μυθολογήματος ὁ Λάμων, καὶ ἐπῆνει Φιλητᾶς αὐτὸν ὡς εἰπόντα μῦθον ῥῥῶδες γλυκύτερον, καὶ ὁ Τίτυρος ἐφίσταται τὴν σύριγγα τῷ πατρὶ κομίζων, μέγα ὄργανον καὶ αὐλῶν μεγάλων, καὶ ἵνα κεκήρωτο, χαλκῷ πεποίκιλτο. Εἶκασεν ἂν τις εἶναι ταύτην ἐκείνην, ἣν ὁ Πᾶν πρῶτην ἐπήξατο. Διεγερθεὶς οὖν ὁ Φιλητᾶς καὶ καθίσας ἐν καθέδρᾳ ὀρθὸς πρῶτον μὲν ἀπεπειράθη τῶν καλάμων εἰ εὖπνοι· ἔπειτα μαθὼν ὡς ἀκώλυτον διατρέχει τὸ πνεῦμα, ἐνέπνει

τὸ ἐντεῦθεν πολὺ καὶ νεανικόν. Αὐλῶν τις ἂν ὤρηθη συναλούντων ἀκούειν· τοσοῦτον ἤχει τὸ σύριγμα. Κατ' ὀλίγον δὲ τῆς βίας ἀφαιρῶν εἰς τὸ τερπνότερον μετέβαλλε τὸ μέλος. Καὶ πᾶσαν τέχνην ἐπιδεικνύμενος εὐνομίας μουσικῆς ἐσύριττεν οἶον βοῶν ἀγέλη πρέπον, οἶον αἰπολίῳ πρόσφορον, οἶον ποιμναις φίλον. Τερπνὸν ἦν τὸ ποιμνίων, μέγα τὸ βοῶν, ὅξυ τὸ αἰγῶν· ὅλως πάσας σύριγγας μία σύριγξ ἐμιμήσατο.

[2.36] Οἱ μὲν οὖν ἄλλοι σιωπῇ κατέκειντο τερπόμενοι· Δρύας δὲ ἀναστάς καὶ κελεύσας συρίττειν Διονυσιακὸν μέλος, ἐπιλήνιον αὐτοῖς ὄρχησιν ὠρχήσατο· καὶ ἐζῶκει ποτὲ μὲν τρυγῶντι, ποτὲ δὲ φέροντι ἀρρίχους, εἶτα πατοῦντι τοὺς βότρους, εἶτα πληροῦντι τοὺς πίθους, εἶτα πίνουντι τοῦ γλεύκου. Ταῦτα πάντα οὕτως εὐσχημόνως ὠρχήσατο Δρύας καὶ ἐναργῶς, ὥστε ἐδόκουν βλέπειν καὶ τὰς ἀμπέλους καὶ τὴν ληνὸν καὶ τοὺς πίθους καὶ ἀληθῶς Δρύαντα πίνοντα.

[2.37] Τρίτος δὴ γέρων οὗτος εὐδοκιμήσας ἐπ' ὄρχησει φιλεῖ Χλόην καὶ Δάφνιν· οἱ δὲ μάλα ταχέως ἀναστάντες ὠρχήσαντο τὸν μῦθον τοῦ Λάμωνος. Ὁ Δάφνις Πᾶνα ἐμιμῆτο, τὴν Σύριγγα Χλόη· ὁ μὲν ἰκέτευε πείθων, ἡ δὲ ἀμελοῦσα ἐμειδία· ὁ μὲν ἐδίωκε καὶ ἐπ' ἄκρων τῶν ὀνύχων ἔτρεχε τὰς χηλὰς μιμούμενος, ἡ δὲ ἐνέφαινε τὴν κάμνουσαν ἐν τῇ φυγῇ. Ἐπειτα Χλόη μὲν εἰς τὴν ὕλην ὡς εἰς ἔλος κρύπτεται, Δάφνις δὲ λαβῶν τὴν Φιλητᾶ σύριγγα τὴν μεγάλην ἐσύρισε γοερὸν ὡς ἐρῶν, ἐρωτικὸν ὡς πείθων, ἀνακλητικὸν ὡς ἐπιζητῶν, ὥστε ὁ Φιλητᾶς θαυμάσας φιλεῖ τε ἀναπηδήσας καὶ τὴν σύριγγα χαρίζεται φιλήσας καὶ εὐχεται καὶ Δάφνιν καταλιπεῖν αὐτὴν ὁμοίῳ διαδόχῳ.

[2.38] Ὁ δὲ τὴν ἰδίαν ἀναθείς τῷ Πανὶ τὴν σμικρὰν καὶ φιλήσας ὡς ἐκ φυγῆς ἀληθινῆς εὐρεθεῖσαν τὴν Χλόην ἀπήλαυσε τὴν ἀγέλην συρίττων νυκτὸς ἤδη ἐπιγινομένης· ἀπήλαυσε δὲ καὶ ἡ Χλόη τὴν ποιμνὴν τῷ μέλει τῆς σύριγγος συνάδουσα· καὶ αἶ τε αἴγες πλησίον τῶν προβάτων ἦεσαν, ὁ τε Δάφνις ἐβάδιζεν ἐγγὺς τῆς Χλόης, ὥστε ἐνέπλησαν ἕως νυκτὸς ἀλλήλους καὶ συνέθεντο θάττον τὰς ἀγέλας τῆς ἐπιούσης κατελάσαι· καὶ οὕτως ἐποίησαν. Ἄρτι γοῦν ἀρχομένης ἡμέρας ἦλθον εἰς τὴν νομήν· καὶ τὰς Νύμφας προτέρας, εἶτα τὸν Πᾶνα προσαγορεύσαντες, τὸ ἐντεῦθεν ὑπὸ τῇ δρυὶ καθεσθέντες ἐσύριττον· εἶτα ἀλλήλους ἐφίλου, περιέβαλλον, κατεκλίνοντο, καὶ οὐδὲν δράσαντες πλέον ἀνίσταντο. Ἐμέλησεν αὐτοῖς καὶ τροφῆς, καὶ ἔπιον οἶνον μίξαντες γάλα.

[2.39] Καὶ τούτοις ἅπασι θερμότεροι γενόμενοι καὶ θρασύτεροι, πρὸς ἀλλήλους ἤριζον ἔριν ἐρωτικὴν, καὶ μετ' ὀλίγον εἰς ὄρκων πίστιν προῆλθον. Ὁ μὲν δὴ Δάφνις τὸν Πᾶνα ὤμοσεν ἐλθῶν ἐπὶ τὴν πίστυν μὴ ζήσεσθαι μόνος ἄνευ Χλόης μηδὲ μιᾶς χρόνον ἡμέρας· ἡ δὲ Χλόη τὰς Νύμφας εἰσελθοῦσα εἰς τὸ ἄντρον τὸν αὐτὸν Δάφνιδι ἔξειν καὶ θάνατον καὶ βίον. Τοσοῦτον δὲ ἄρα τῇ Χλόῃ τὸ ἀφελὲς προσῆν ὡς κόρη, ὥστε ἐξιοῦσα τοῦ ἄντρου καὶ δευτέρου ἡξίου λαβεῖν ὄρκον παρ' αὐτοῦ 'ὦ Δάφνι' λέγουσα 'θεὸς ὁ Πᾶν ἐρωτικὸς ἐστὶ καὶ ἄπιστος· ἠράσθη μὲν Πίτυος, ἠράσθη δὲ Σύριγγος· παύεται δὲ οὐδέποτε Δρυάσιν ἐνοχλῶν καὶ Ἐπιμηλίσι Νύμφαις παρέχων πράγματα. Οὗτος μὲν οὖν ἀμεληθεὶς ἐν τοῖς ὄρκοις ἀμελήσει σε κολάσαι, κἂν ἐπὶ πλείονας ἔλθῃς γυναῖκας τῶν ἐν τῇ σύριγγι καλάμων· σὺ δέ μοι τὸ αἰπόλιον τοῦτο ὄμοσον καὶ τὴν αἶγα ἐκείνην, ἢ σε ἀνέθρεψε, μὴ καταλιπεῖν Χλόην, ἔστ' ἂν πιστὴ σοὶ μένη· ἄδικον δὲ εἰς σέ καὶ τὰς Νύμφας γενομένην καὶ φεύγε καὶ μίσει καὶ ἀπόκτεινον ὥσπερ λύκον.' Ἦδετο ὁ Δάφνις ἀπιστούμενος καὶ στὰς εἰς μέσον τὸ αἰπόλιον καὶ τῇ μὲν τῶν χειρῶν αἰγὸς τῇ δὲ τράγου λαβόμενος ὤμνυε Χλόην φιλήσειν φιλοῦσαν· κἂν ἕτερον προκρίνη Δάφνιδος, ἀντ' ἐκείνης αὐτὸν ἀποκτενεῖν. Ἡ δὲ ἔχαιρε καὶ ἐπίστευεν ὡς κόρη καὶ νομίζουσα τὰς αἶγας καὶ τὰ πρόβατα ποιμένων καὶ αἰπόλων ἰδίου θεοῦς.

## 2. Tradução: Livro Segundo – *Dáfnis e Cloé*, de Longo de Lesbos

Livro segundo: Outono

[2.1] Como o outono já estivesse no ápice e fosse hora da vindima, todos estavam pelos campos em atividade. Um preparava os lagares, outro limpava os tonéis, um terceiro trançava cestas de vime. Este cuidava da pequena foice de cortar os cachos, e aquele da pedra de prensar o sumo dos cachos, e aquele outro do vime seco, a golpes descascado, para que, de noite, sob a luz de archotes, o mosto pudesse ser trazido.

Assim então, sem cuidar das cabras e das ovelhas, Dáfnis e Cloé ofereciam aos outros a ajuda de suas mãos. Ele carregava nos cestos de vime os cachos de uva e calcava-os aos pés, depois de os lançar nos lagares, e levava o vinho até os tonéis. Ela, por sua vez, preparava a refeição para os vindimadores e vertia para eles como bebida o vinho antigo e colhia uvas das videiras mais rasteiras. É que toda videira na região de Lesbos é rasteira, não sendo nem alta nem trepadeira, mas a estender no chão os ramos e a espalhar-se como hera. Mesmo um bebê poderia alcançar os cachos, caso livrasse suas mãos dos cueiros.

[2.2] E como é natural na festa de Dioniso e da origem do vinho, as mulheres das fazendas vizinhas, chamadas para ajudar, lançavam seus olhares sobre Dáfnis e elogiavam sua beleza como igual à de Dioniso, e uma das mais assanhadas até o beijou, o que atiçou Dáfnis, mas incomodou Cloé. Já os homens nos lagares lançavam variados gritos na direção de Cloé e como Sátiros sobre uma bacante saltavam o mais insanamente e oravam para se tornarem ovelhas e serem pastoreados por ela. E como por sua vez ela gostasse disso, foi Dáfnis quem ficou incomodado. Eles oravam mesmo é para que a vindima tivesse fim o mais depressa e eles retomassem a suas paragens habituais e ouvissem, ao invés dessa gritaria desafinada, os sons da flauta ou dos seus rebanhos a balir.

E depois de poucos dias, quando as videiras tinham sido colhidas, os tonéis guardavam o mosto e nada mais exigia a assistência de inúmeras mãos, eles desceram com seus rebanhos para o pasto e com muita alegria reverenciaram as Ninfas, ofertando-lhes cachos de uva nos ramos, primícias da vindima. Em momento anterior, nenhuma vez passaram por ali negligentes; ao contrário, eles sempre vinham frequentá-las no começo do pastoreio e ao fim passavam para saudá-las. E de tudo lhes ofertavam, flor ou fruto ou folhagem verde ou libação de leite. E depois dessas ações receberam dádivas da parte dos deuses. Por esse tempo, cães libertos dos grilhões, como dizem, eles saltavam, flauteavam, cantavam e com os bodes e as ovelhas travavam lutas.

[2.3] Repletos de alegria, eis que um velho vem até eles envergando um manto de pele de cabra, calçado com botas rústicas, um alforje atravessado, um alforje muito velho. Sentando-se perto dos dois, ele falou assim:

– Eu sou o velho Filetas, oh jovens, que muito cantei para estas Ninfas aí, muito flauteei para aquele Pã ali e um rebanho imenso de bois tangi apenas com a minha música. Venho até vocês para revelar quanto vi, para declarar quanto ouvi. Sou dono de um pomar que, desde que abandonei o pastoreio por causa da velhice, plantei com minhas mãos. Tudo quanto trazem as estações tenho para mim a cada estação. Na primavera, rosas e lírios e jacintos e violetas de ambos os tipos. No verão, papoulas e peras silvestres e maçãs de toda espécie. Agora, videiras e figueiras e romãzeiras e bagas verdes de mirto. A este pomar acorrem bandos de pássaros pela manhã, uns para comer, outros para cantar – pomar escondido e repleto de sombras e por três fontes irrigado. Se alguém removesse o muro, pensaria ver um bosque. [2.4] E hoje, quando eu me aproximava, por volta do meio-dia, sob as romãzeiras e os mirtos um menino me surge aos olhos, com bagas de mirto e romãs nas mãos, alvo como o leite, louro como o fogo, luminoso como se recém banhado. Estava desnudo, estava sozinho. Brincava de colher frutas como se o pomar fosse seu. Eu então me precipitei sobre ele, para agarrá-lo – temia que, em sua petulância, ele quebrasse os mirtos e as romãzeiras. Mas ele me fugia com facilidade e passo ágil, umas vezes se ocultando sob as roseiras, outras se escondendo sob as papoulas, como um filhote de perdiz. É certo que muitas vezes tive dificuldades ao perseguir cabritos jovens, muitas vezes me esgotei ao correr atrás de novilhos recém-paridos. Mas esse era um espécime diferente e impossível de se capturar. Cansado, então, por ser velho, e apoiado em meu cajado e ao mesmo tempo vigiando para que ele não fugisse, procurei saber de qual dos vizinhos ele era e o que pretendia ao colher em pomar alheio. Ele não me respondeu nada; perto, parado, apenas sorria com grande doçura e me acertava bagas de mirto – e não sei como ele me enfeitiçava a ponto de eu não ficar irritado. Pedi então que ele viesse até minhas mãos sem nada mais temer, e jurei pelos mirtos que o deixaria livre, dando-lhe ademais maçãs e romãs, e que lhe permitiria sempre colher plantas e coligir flores, caso eu obtivesse dele um beijo apenas. [2.5] Ele então, após uma gargalhada ruidosa, libera uma voz que nem uma andorinha, nem um rouxinol, nem um cisne tão velho quanto eu possui:

– A mim, oh Filetas, nada impede de beijá-lo. Quero ser beijado mais do que você quer tornar-se jovem. Veja, porém, se meu presente combina com sua velhice: a velhice não o impedirá de tentar perseguir-me depois de um único beijo. Sou difícil de capturar mesmo por gavião e águia e qualquer outro pássaro mais veloz que estes. Não sou, com certeza, uma criança, mesmo se pareço criança; sou, contudo, mais antigo do que o Tempo e do que o próprio universo.

E conheço você desde que pastoreava na flor da idade naquele monte seu robusto gado; eu ficava sentado ao seu lado, enquanto você flauteava junto daqueles carvalhos, no tempo em que estava apaixonado por Amarílis. Mas você não me via, embora bem perto eu estivesse da sua garota. Para você então eu a concedi – e ela lhe deu filhos, excelentes vaqueiros e agricultores. Agora, contudo, sou pastor de Dáfnis e Cloé. E toda vez que os reúno a cada manhã, venho ao seu pomar e me encanto com as flores e as plantas e nestas fontes me banho. Por esse motivo são belas as flores e as plantas – com os meus banhos são regadas. Repare que nenhuma das suas plantas foi quebrada, nenhum fruto foi arrancado, nenhuma raiz de flor foi pisoteada, nenhuma fonte foi turvada – e alegre-se de ser o único dentre os homens na velhice a contemplar esta criancinha.

[2.6] Depois de dizer estas coisas, saltou como se fosse um filhote de rouxinol por cima dos mirtos e, pulando de galho em galho por entre as folhas, alcançou o cume. Vi asas em seu dorso e um pequenino arco em meio às asas, e nada mais vi, nem isso, nem ele. Se não foi à toa que ganhei estes cabelos brancos nem, ao ficar velho, adquiri o mais inútil juízo – ao Amor, oh crianças, vocês estão consagrados e Amor é quem ora cuida de vocês.

[2.7] Muito encantados eles ficaram como se ouvissem um mito, não um relato, e procuraram saber o que afinal é o Amor, se criança ou pássaro, e do que é capaz. Outra vez então Filetas disse:

– É um deus, minhas crianças, o Amor, jovem e belo e alado. Por isso se alegra com a juventude e persegue a beleza e leva as almas às alturas. Nem Zeus pode tanto quanto ele. Ele reina sobre os elementos, reina sobre os astros, reina sobre os deuses seus iguais – nem vocês têm tanto poder sobre suas cabras e ovelhas. As flores todas, trabalhos do Amor; as plantas todas, criação dele. Por sua causa correm rios e sopram ventos. Eu conheci até touro vitimado pela paixão; como se atingido por um aguilhão, não parava de mugir. E bode que desejava a cabra, perseguindo-a por toda a parte. Eu próprio era jovem e caí apaixonado por Amarílis. E nem do alimento me lembrava, nem água levava à boca, nem o sono conciliava. Eu sentia dor em minha alma, palpitação em meu peito, frio em meu corpo. Gritava como ferido, silenciava como morto, nos rios me lançava como em chamas. Invocava Pã auxiliador, que também ele próprio caiu enamorado da ninfa Pítis. Eu louvava a ninfa Eco que, depois de mim, chamava pelo nome de Amarílis. Quebrava as flautas, que enfeitiçavam minhas vacas, mas não me traziam Amarílis. Para a paixão não há nenhum remédio que se possa beber ou comer ou dizer em canções, senão beijo e abraço e deitar-se com os corpos nus.

[2.8] Filetas, depois de lhes ensinar estas coisas, afasta-se, levando alguns queijos que eles lhe deram e um novinho já com cornos. Quando ficaram sozinhos, após ouvir pela primeira vez o nome do Amor, tiveram suas almas cobertas de



pesar e, de noite, de retorno aos estábulos, passaram a comparar o que sentiam com o que ouviram:

- Os amantes sofrem; nós também. Deixam de se alimentar; nós igualmente. Não conseguem dormir – é isso o que sofremos agora. Parecem arder; há fogo dentro de nós. Desejam olhar um para o outro – eis o motivo por que oramos para o dia surgir o mais depressa. Talvez isso seja o amor e amamos sem o saber. Pois se isso não é o amor, e eu estou amando, por que então sofremos assim, por que ansiamos um pelo outro? Tudo o que Filetas disse é verdade. A criancinha do pomar também surgiu aos nossos pais naquele sonho e ordenou que guardássemos os rebanhos. Como alguém poderia capturá-la? É pequena e fugirá. E como alguém poderia fugir dela? Possui asas e o arrebatará. Precisamos recorrer às Ninfas auxiliaadoras. Mas nem Pã socorreu Filetas apaixonado por Amarílis. Precisamos, então, ir atrás de todos os remédios que ele disse, beijo e abraço e deitar nus no chão. Está frio, mas resistiremos, seguindo Filetas.

[2.9] Uma escola noturna isso se torna para eles. E no dia seguinte, depois de conduzir os rebanhos ao pasto, beijaram-se assim que se viram (o que não faziam antes) e abraçaram-se, entrelaçando os braços. No terceiro remédio hesitaram – deitarem-se despidos. Era muito atrevimento não só para a donzela mas até mesmo para o jovem cabreiro. De novo então vem a noite com a insônia e o pensamento no que aconteceu e a censura pelo que não aconteceu.

- Beijamo-nos e de nada valeu. Abraçamo-nos e não tivemos resultado. Então o único remédio para a paixão é o deitar-se juntos. Precisamos tentar também isso – com certeza há aí algo que supera o beijo.

[2.10] Por causa de tais pensamentos, como é natural, tiveram sonhos eróticos, com beijos, com abraços. E tudo o que não fizeram de dia, em sonho o fizeram: nus, eles se deitaram um com o outro.

Mais empolgados, de fato, pelo dia seguinte, eles se levantaram e com rapidez desceram ao pasto com seus rebanhos, apressados para beijar. E logo que se viram, correram um para o outro sorrindo. Eles então se beijaram e em seguida se abraçaram – mas o terceiro remédio tardava, já que nem Dáfnis ousava dizê-lo nem Cloé queria ser a primeira, até que por acaso fizeram isto...

[2.11] Sentados no tronco sob o carvalho, próximos um do outro a saborear a delícia dos beijos, encheram-se de um prazer sem limites. Os abraços exerciam pressão nos corpos. E por causa de um abraço um pouco mais forte de Dáfnis, que a puxava para si, eis que Cloé se deita de costas; e ele, perseguindo-lhe o beijo, deita-se sobre ela. E por reconhecerem a imagem dos sonhos, permaneceram deitados assim por muito tempo, como se atados. Sem saber de nada a partir daí e por achar que esse era o limite da fruição amorosa, eles se separaram, depois de gastar em vão a maior parte do dia, e recolheram os

rebanhos, com ódio da noite. Talvez até fizessem algo de verdade, não fosse certo tumulto surpreender toda aquela região.

[2.12] Jovens ricos de Metimne, desejosos de aproveitar a vindima em lazer no estrangeiro, lançaram ao mar um pequeno barco, estabelecendo como remadores seus escravos domésticos, e navegaram costeando os campos dos mitilenos próximos ao mar. A praia era um bom ancoradouro, além de ricamente adornada com habitações e inúmeros lugares de banho e parques e bosques, uns feitos pela natureza, outros, pela arte dos homens – tudo ótimo para a satisfação de jovens. Costeando e ancorando, eles não faziam mal algum, apenas desfrutavam de variados lazeres, ora pescando do recife peixes que viviam entre as pedras, com anzóis de delicado linho pendurados em varas, ora capturando, com cães e redes, lebres que fugiam do alvoroço nas videiras; já agora estavam interessados na caça de pássaros e pegaram com redes gansos selvagens e patos e abetardas, de sorte que o lazer também lhes oferecia o benefício da mesa. E se precisavam de algo, buscavam-no entre as pessoas dos campos, pagando muito mais óbolos do que o justo. Careciam apenas de pão e vinho e pouso – não lhes parecia seguro, por ser estação outonal, permanecer no mar, de sorte que até o barco eles puxavam para a terra, de noite, temerosos de uma noite tempestuosa.

[2.13] Eis que um dos camponeses, precisando de corda para erguer a pedra de espremer os cachos de uvas já pisados, uma vez que a antiga arrebentara, veio escondido pela praia e, acercando-se do barco sem vigia, desatou o cabo e levou-o para casa, para utilizá-lo naquilo que precisava.

Desde o começo da manhã, os rapazes metimnianos deram busca pelo cabo e, como ninguém confessasse o roubo, zarparam, não sem antes censurar minimamente seus anfitriões. E longe dali trinta estádios, atracam nos campos em que moravam Dáfnis e Cloé, pois o lugar lhes pareceu bom para a caça de lebres. Mas corda para amarrar como cabo eles não tinham; então, trançando um longo vime verde como corda, com ele amarraram o barco a partir da popa até a terra firme. Em seguida, depois de soltar os cães para farejarem, colocaram redes nos lugares dos caminhos que pareciam oportunos. Acontece que os cães, a um só tempo correndo e latindo, assustaram as cabras e elas, abandonando as montanhas, apressaram-se na direção da praia. E sem ter nada para comer na areia, as mais ariscas dentre elas, ao se aproximarem da nau, o vime verde – que mantinha o barco preso – elas o devoraram.

[2.14] Havia certa agitação no mar, o vento soprando desde as montanhas. E de fato, com muita rapidez, o fluxo e refluxo das ondas empurrou o barco solto e carregou-o para o alto mar. Dentre os metimnianos, uma vez percebido o fato, uns correram na direção da praia, outros recolheram os cães. E todos gritaram, a tal ponto que todos os dos campos próximos ouviram e acudiram. Mas não havia

socorro: com o vento soprando vigoroso, o barco era levado com rapidez irrefreável pela correnteza.

Os metimnianos então, privados de não poucos bens, procuraram por quem pastoreava as cabras. E ao encontrar Dáfnis, começaram a agredi-lo, a despi-lo. Um, sacando a coleira de um cão, até tentou torcer-lhe os braços para trás a fim de algemá-los. Ele gritava enquanto apanhava e suplicava aos camponeses e chamava em seu auxílio Lamon e Drias, sobretudo. Eles então opuseram resistência, por serem velhos fortes cujos braços vigorosos foram moldados pelos trabalhos com a terra, e consideraram justo que os acontecimentos fossem arbitrados por um juiz.

[2.15] Com a anuência dos outros, nomeiam Filetas, o vaqueiro, como árbitro. Era ele o mais velho dentre os presentes e tinha fama entre os aldeões de uma retidão extraordinária. Em primeiro lugar, os metimnianos fizeram a acusação com clareza e brevidade, já que tinham um vaqueiro como árbitro:

- Viemos a estes campos desejando caçar. Então, após prender nosso barco com vime verde sobre a costa, deixamo-lo ali, enquanto nós próprios com os cães fomos em busca de caça. Nisso as cabras dele, descendo até a praia, devoram o vime e soltam o barco. Você o viu sendo levado pelo mar, sabe cheio de quantos bens? Quanta roupa está perdida, quantos equipamentos para cães, quanta prata! Alguém dispondo daquilo poderia comprar estes campos. Em compensação, julgamos correto levar esse aí, já que é um cabreiro ordinário, que pastoreia suas cabras na praia, como se fosse um marujo.

[2.16] Com estas palavras os metimnianos acusaram. Dáfnis estava indisposto por causa das lesões, mas vendo Cloé presente, ignorou todos e falou assim:

- Eu pastoreio muito bem as minhas cabras. Jamais um único aldeão reclamou que uma cabra minha pastasse em seu pomar ou lhe quebrasse uma videira ainda em broto. Eles é que são caçadores ordinários e possuem cães mal adestrados, que correm demais e latem forte, com o que enxotaram as cabras das montanhas e das planícies na direção da praia, como se fossem lobos. Mas elas devoraram o vime – claro, não havia na areia erva ou morangueira ou tomilho! Mas o barco se perdeu por causa do vento e do mar – isso é obra do mau tempo, não das cabras! Mas havia ali roupas e prata – e quem, em perfeito juízo, vai acreditar que um barco carregando tais coisas tivesse um vime como cabo?

[2.17] Depois de tais palavras, Dáfnis caiu no choro e infundiu nos camponeses grande piedade, de sorte que Filetas, o árbitro, jurou por Pã e pelas Ninfas que Dáfnis não tinha cometido injustiça alguma, nem suas cabras, mas o mar e o vento, para os quais há outros juízes.

Filetas, contudo, não conseguiu convencer os metimnianos com estas palavras. Movidos pelo ódio, eles tentaram de novo agarrar Dáfnis e queriam

amarrá-lo. Os aldeões, então, provocados, avançam sobre eles como se fossem estorninhos ou gralhas, e rapidamente arrebatam Dáfnis, que também já lutava, e batendo neles com paus depressa os puseram em fuga. E não recuaram antes que os expulsassem para além dos limites, para outros campos.

[2.18] Enquanto aqueles perseguem os metimnianos, Cloé com muita calma conduz Dáfnis à gruta das Ninfas e lhe lava o rosto coberto de sangue por algum golpe que lhe ferira as narinas, e do alforje sacando um naco de pão fermentado e uma fatia de queijo, dá-lhe de comer. E para revigorá-lo mais ainda, deu-lhe, com seus lábios macios, um beijo doce como o mel.

[2.19] Nessa ocasião, Dáfnis escapou de um mal imenso. Mas a questão não estava encerrada, pois os metimnianos, logo que chegaram penosamente à sua terra, caminhando e não navegando, maltrapilhos e não suntuosos, convocaram uma assembleia de cidadãos e, depositando diante deles ramos de oliveira, suplicaram ser dignos de vingança, sem dizer nenhuma palavra verdadeira – não queriam tornar-se risíveis por terem sofrido tantas e tais coisas nas mãos de pastores – mas apenas acusando os mitilenos, que os tinham privado do barco e pilhado suas riquezas, como se na lei da guerra. E eles, acreditando por causa das feridas e considerando justo vingar os rapazes das primeiras casas, votaram por uma guerra não declarada contra os mitilenos. Ordenaram que o general pusesse no mar dez barcos e devastasse o litoral daqueles. Por estar perto o inverno, não era seguro confiar ao mar uma frota maior.

[2.20] No dia seguinte, depois de reunir soldados remadores, ele passou imediatamente a atacar os campos costeiros dos mitilenos. E capturou muitos rebanhos, muito grão e vinho, já que se encerrara a vindima, e não poucos homens, todos os que estavam trabalhando. Atacou ainda os campos de Cloé e Dáfnis, e com um rápido desembarque, conduziu como butim tudo o que estava à mão.

Dáfnis, nesse momento, não pastoreava suas cabras, pois tinha subido à floresta para cortar folhagem verde, alimento para oferecer aos cabritos durante o inverno. Assim, do alto, ao contemplar a incursão, escondeu-se no tronco oco de uma faia seca. Cloé, por sua vez, estava junto de seus rebanhos e, perseguida, refugiou-se na gruta das Ninfas, suplicante, e rogou clemência, em nome das deusas, tanto para os rebanhos que pastoreava quanto para ela. Mas não havia socorro: os metimnianos, depois de muito blasfemar das estátuas, conduziram os rebanhos e tangeram-na como se fosse cabra ou ovelha, batendo-lhe com varas.

[2.21] Com os barcos já repletos de toda espécie de saque, decidiram não navegar para mais além; ao contrário, fizeram o trajeto para casa, temerosos tanto do inverno quanto dos inimigos. Eles então se afastaram remando com dificuldade, pois não havia vento. Dáfnis, por sua vez, com a calma instaurada, ao chegar no lugar onde pastoreavam e não ver as cabras nem achar as ovelhas

nem encontrar Cloé, mas apenas imenso abandono e até a flauta com que habitualmente Cloé se alegrava jogada ao chão, com ensurdecadores gritos e gemidos de causar dó, corria ora para o carvalho sob o qual se sentavam, ora na direção do mar tentando avistá-la, ora na direção da gruta das Ninfas, junto das quais ela tinha se refugiado antes de ser arrastada. E ali se jogou no chão e censurou as Ninfas de traição:

[2.22] – Das suas mãos Cloé foi raptada – e vocês toleraram assistir a isso? Ela que trança guirlandas para vocês, ela que derrama o primeiro leite, de quem também esta flauta é um presente? Nenhuma cabra minha lobo algum capturou, mas os inimigos, o rebanho inteiro e a que pastoreava comigo! As cabras eles vão esfolar e as ovelhas sacrificar, e Cloé, de agora em diante, vai habitar uma cidade. Com que cara irei até meu pai e minha mãe sem as cabras, sem Cloé, desgraçado que sou? Nada mais tenho para pastorear. Aqui caído esperarei a morte ou uma segunda guerra. Também você, Cloé, sofre assim? Acaso se recorda deste lugar e destas Ninfas e de mim? Ou as ovelhas e as cabras a consolam, elas que com você foram aprisionadas?

[2.23] Assim que diz tais palavras, um sono profundo o arrebatava das lágrimas e da tristeza. E diante dele surgem as três Ninfas, mulheres altas e belas, seminuas e descalças, os cabelos soltos e iguais às estátuas. Pareciam, primeiro, sentir pena de Dáfnis; mas depois, a encorajá-lo, diz-lhe a mais velha:

– Não nos censure, Dáfnis. Nós nos preocupamos com Cloé mais do que você. Fomos nós que sentimos pena dela e a nutrimos quando era uma bebezinha e fora exposta nesta gruta. Não há nada em comum entre ela e estas planícies. E já consideramos a questão, a fim de que ela nem se torne escrava conduzida a Metimne, nem seja parte do butim de guerra. Pã, aquele que tem morada sob o pinheiro, a quem vocês nunca honraram nem mesmo com flores, a ele solicitamos que seja o vingador de Cloé. Acostumado aos exércitos mais do que nós, muitas guerras já ele enfrentou, afastado do campo. Contra os metimnianos avança um inimigo nada agradável. Não sofra mais – levante-se e deixe que Lamon e Mírtale ponham os olhos em você, eles que também jazem ao chão, por julgarem que você também tornou-se parte do saque. Quanto a Cloé, amanhã ela vai voltar para você com as cabras, com as ovelhas, e vocês vão pastorear juntos e flautear juntos. E quanto ao resto, Amor cuidará de vocês.

[2.24] Depois de ver e ouvir tais coisas, Dáfnis saltou do sono e, com um choro misturado de prazer e tristeza, foi prostrar-se diante das estátuas das Ninfas e prometeu sacrificar-lhes a melhor das cabras, se Cloé fosse salva. Correndo ainda ao pinheiro, lá onde tem morada a estátua de Pã, com chifres, pés de bode, uma flauta em uma mão, na outra um bode saltitante, prostrou-se também diante dele e orou por Cloé e prometeu sacrificar-lhe um bode. E por fim, com dificuldade, perto do pôr do sol, após cessar suas lágrimas e suas preces

e recolher as folhas que cortara, retornou ao estábulo. E assim que afastou os sofrimentos da família de Lamon e os cumulou de alegria, provou do alimento e foi dormir, não sem lágrimas, mas orando outra vez para ver em sonho as Ninfas e orando para que o dia seguinte chegasse logo, ocasião em que lhe prometeram Cloé. Aquela pareceu ser de todas as noites a mais longa – e nela tais coisas se cumpriram...

[2.25] O general dos metimnianos, depois de se afastar cerca de dez estádios, quis que seus soldados, cansados pela incursão, revigorassem. Assim, ao alcançar um promontório que avançava mar adentro em formato de lua, dentro do qual o mar moldava um refúgio mais calmo que os portos, ancorou ali os barcos, em águas profundas, a fim de que nenhum camponês da terra assediasse algum deles, e permitiu aos metimnianos um lazer pacífico. Como tinham abundância de tudo por causa da pilhagem, beberam, divertiram-se, imitaram uma festa de vitória.

Quando o dia já declinava e o lazer chegava ao fim por causa da noite, de repente a terra toda parecia arder em chamas e um clamor de remos a bater foi ouvido, como se uma expedição imensa estivesse atacando. Alguém gritava para que o general se armasse, um chamava pelo outro, e este parecia já estar ferido, e aquele jazia imitando a forma de um cadáver. Alguém pensaria estar vendo um combate noturno – sem inimigos presentes.

[2.26] Depois de uma tal noite para eles, sobreveio o dia ainda mais terrível do que a noite. Os bodes de Dáfnis e suas cabras ostentavam nos chifres cachos de hera, enquanto os carneiros e as ovelhas de Cloé uivavam como lobos. E ela própria apareceu engrinaldada com ramos de pinheiro. E no mar também aconteciam muitas coisas surpreendentes. As âncoras permaneciam no fundo, se tentavam recolhê-las; os remos se partiam, se os baixavam para remar; e golfinhos pulando das águas e batendo com as caudas nos barcos afrouxavam as cavilhas. E da pedra íngreme do alto do promontório um som de flauta foi ouvido – mas não encantava como uma flauta: amedrontava os ouvintes como uma trombeta. Eles então se agitaram e corriam em busca de armas e chamavam pelos inimigos que não eram vistos, de sorte que oraram para que a noite viesse outra vez, a fim de que com ela obtivessem trégua.

Então, a todos que tinham o juízo no lugar os acontecimentos tornaram-se inteligíveis – que as aparições e os sons eram obra de Pã, irritado com os marujos por algum motivo. Mas não tinham como interpretar a causa (pois nenhum templo de Pã fora saqueado), até que, por volta do meio do dia, o general precipitou-se no sono (não sem ajuda divina) e o próprio Pã lhe surgiu dizendo assim:

[2.27] – Oh mais impuros e ímpios dentre todos, por que ousaram tais coisas em seus corações insanos? Cumularam de guerra o campo que me é caro,

capturaram rebanhos de bois e cabras e ovelhas dos quais eu cuido, arrancaram de altares uma donzela, com quem Amor quer compor um mito. E não tiveram pudor nem das Ninfas que os observavam, nem de mim, Pã. Então vocês não avistarão Metimne com tais despojos ao navegar, nem fugirão desta minha flauta que já os abalou. Eu farei de vocês comida de peixes, ao afundá-los, se você não restituir às Ninfas o mais depressa possível Cloé e os rebanhos de Cloé. Levante-se e desembarque a garota com tudo que eu disse. E eu conduzirei você em seu barco e ela em seu caminho.

[2.28] Muito agitado, então, Bríaxis (o general assim se chamava) deu um salto e, depois de chamar os comandantes dos barcos, ordenou que Cloé fosse procurada o mais rápido possível entre os cativos. Eles tão rápido a encontraram quanto trouxeram-na à sua vista – ela estava sentada, engrinaldada com ramos de pinheiro. Considerando isso também como símbolo da visão dos sonhos, ele a conduz no próprio barco principal até a terra. Ela apenas desembarca e o som de uma flauta começa de novo a ser ouvido da pedra, não mais bélico e assustador, mas pastoril e próprio para a condução de rebanhos ao pasto. E tanto as ovelhas se apressaram a desembarcar, furtivas, nas pontas dos cascos, quanto as cabras com muito mais ousadia, acostumadas que eram a escalar penhascos.

[2.29] E elas formam um círculo ao redor de Cloé como um coro de dançarinas, saltando e balindo e por igual se alegram. Já as cabras dos outros pastores e as ovelhas e os bois permaneceram no mesmo lugar dentro do côncavo barco, como se a melodia não os chamasse.

Enquanto todos estavam dominados pelo espanto e bendiziam Pã, prodígios mais espantosos do que estes surgiam em ambos os elementos. Com relação aos metimnianos, mesmo antes de içar as âncoras, os barcos já navegavam e um golfinho, saltando nas águas, conduzia o barco principal. Com relação às cabras e ovelhas, um som de flauta agradabilíssimo as conduzia, ainda que ninguém visse o flautista, de sorte que as ovelhas e as cabras avançavam e pastavam simultaneamente, encantadas pela melodia.

[2.30] Era perto da hora do segundo pastoreio e Dáfnis, ao avistar de um elevado mirante os rebanhos e Cloé e gritar forte: “Oh Ninfas e Pã!”, desceu correndo até o campo e, enlaçado nos braços de Cloé, caiu desmaiado. Forçosamente trazido à vida por Cloé que o beijava e o aquecia com seus abraços, ele vai até o carvalho de costume. E depois de se sentar no tronco, procurou saber como ela tinha escapado de tantos inimigos. Ela lhe contou tudo em detalhe: a hera nas cabras, o uivo das ovelhas, o florescer do pinheiro sobre sua cabeça, o fogo em terra, o clamor no mar, os dois flauteados, o bélico e o pacífico, a noite assustadora, e como a ela, que não conhecia o caminho, uma música serviu de guia pelo caminho.

Ao reconhecer, então, os sonhos das ninfas e os trabalhos de Pã, Dáfnis descreve também ele próprio quanto viu, quanto ouviu – que estando prestes a morrer, graças às Ninfas viveu. E a envia para buscar os familiares de Drias e Lamon e tudo o que é necessário para um sacrifício. Enquanto isso, ele próprio, depois de agarrar a melhor das cabras e coroá-la com hera, tal como tinham aparecido aos inimigos, e derramar libação de leite entre os chifres, sacrificou-a em nome das Ninfas e, erguendo-a, esfolou-a e pendurou a pele.

[2.31] Estando já presentes os familiares de Cloé, aceso o fogo e uma parte das carnes cozida, outra assada, ele ofereceu as primícias às Ninfas e libou com uma taça repleta de doce vinho. E assim que estendeu alguns leitões de folhas, ficou ali entre alimento e bebida e brincadeiras, ao mesmo tempo em que vigiava os rebanhos – um lobo, atacando, não fizesse os trabalhos de inimigos.

Cantaram também algumas canções para as Ninfas, composições de antigos pastores. E uma vez que a noite sobreveio e eles dormiram ali mesmo no campo, foi no dia seguinte que se lembraram de Pã. Depois de coroar com ramos de pinheiro o bode que liderava o rebanho, conduziram-no ao pinheiro, e assim que verteram vinho e bendisseram o deus, sacrificaram-no, penduraram-no, esfolaram-no. E as carnes assadas e cozidas colocaram próximas sobre a relva, sobre as folhas. E a pele com chifres e tudo penduraram no pinheiro em honra à estátua, uma oferenda pastoril a um deus pastoril. Ofertaram ainda as primícias das carnes e libaram com a maior taça. Cloé cantou, Dáfnis flauteou.

[2.32] Depois disso, reclinados, começaram a comer. E eis que deles se aproxima Filetas, o vaqueiro, por acaso, levando para Pã umas guirlandinhas e cachos de uva ainda com folhas e ramos. E com ele seguia Títiro, o mais novo de seus filhos, rapazinho ruivo e de olhos claros, alvo e altivo rapazinho. Ele saltitava leve, caminhando como um cabrito.

Eles então, com um salto pondo-se de pé, foram com ele coroar Pã e pendurar os ramos na folhagem do pinheiro e, em seguida, sentando-o próximo deles, fizeram dele um conviva. E de fato, como velhos levemente embriagados, falaram muitas coisas uns para os outros: como pastoreavam no tempo em que eram jovens, como escaparam de numerosas incursões de piratas; um se gabava de ter matado um lobo, o outro de que com a flauta ficava atrás apenas de Pã – esse era o orgulho de Filetas.

[2.33] Então Dáfnis e Cloé lhe fizeram muitas súplicas para que partilhasse também com eles sua arte e flauteasse na festa do deus que se rejubila com a flauta. Filetas concordou, não sem censurar a velhice por seu pouco fôlego, e pegou a flauta de Dáfnis. Contudo, ela era pequena demais para sua imensa arte, já que era soprada pela boca de um garoto. Ele envia então Títiro até sua casa, afastada dali dez estádios, para buscar sua própria flauta. Despindo seu avental, nu, ele então começou a correr, como um filhote de corça. Enquanto isso, Lamon



declarou a eles que contaria em detalhe o mito da flauta, que para ele um pastor siciliano cantou em troca de um bode e de uma flauta:

[2.34] - Esta flauta, o instrumento, não era um instrumento, mas uma bela virgem de voz maviosa. Pastoreava cabras, brincava com as Ninfas, cantava tal como agora. Pã, quando ela pastoreava e brincava e cantava, se aproximou e tentou induzi-la àquilo que ele desejava, e prometeu que todas as suas cabras paririam gêmeos. Ela riu de sua paixão e disse que não aceitaria um amante que não era nem bode nem homem por inteiro. Pã começa a persegui-la pretendendo usar a violência. Siringe<sup>1</sup> tentou evitar Pã e sua violência. Cansada de fugir, ela se esconde entre juncos e no pântano desaparece. Pã, depois de cortar irado os caniços, sem encontrar a garota, e compreender seu sofrimento, inventa o instrumento, ao juntar os caniços desiguais com cera, como também para eles era desigual a paixão. E eis que a bela jovem é agora uma flauta melodiosa.

[2.35] No momento em que Lamon interrompera a narrativa mítica e Filetas o elogiava por contar um mito mais doce que uma canção, Tí tiro surge com a flauta do pai, um instrumento enorme e de grandes canas, e que era unido com cera, trabalhado em cobre. Alguém poderia pensar ser ela aquela primeira que Pã construiu. Então Filetas, depois de se erguer e se arrumar em seu assento corretamente, testou primeiro os caniços, para ver se o ar passava bem. Depois, percebendo que o ar corria sem impedimento, soprou a partir daí muito e com jovialidade. Alguém seria levado a pensar que ouvia várias flautas tocando ao mesmo tempo, de tal modo ecoava o som da flauta. E diminuindo o vigor pouco a pouco, passou para a mais sutil melodia. Demonstrando então toda sua arte de acordo com as leis musicais, passou a flautear como convém ao rebanho de bois, como é adequado ao rebanho de cabras, como é agradável ao rebanho de ovelhas. Era sutil o dos rebanhos de ovelhas, forte o dos bois, estridente o das cabras. E uma só flauta imitava completamente todas as flautas.

[2.36] Os outros, então, permaneciam reclinados, em silêncio, encantados. Drias, contudo, ao se levantar e pedir-lhe que flauteasse uma melodia dionisíaca, dançou para eles uma coreografia de vindima – e parecia que ele ora colhia uvas, ora carregava os cestos de vime, depois calcava aos pés os cachos, depois enchia os tonéis, depois bebia o doce vinho. Tudo isso Drias dançou com tão elegante figura e clareza que eles acreditavam ver as videiras e o lagar e os tonéis e Drias bebendo de verdade.

[2.37] Este terceiro velho, então, aplaudido pela dança, beija Cloé e Dáfnis. E eles, depois de se levantar com muita rapidez, dançaram o mito de Lamon. Dáfnis imitava Pã, Cloé, Siringe. Ele suplicava, tentando seduzi-la, e ela, negligente, sorria. Ele a perseguia e, imitando cascos, corria nas pontas dos pés,

---

<sup>1</sup> Siringe, isto é, flauta.

e ela em fuga demonstrava seu cansaço. Então Cloé se escondeu na floresta, como se no pântano, e Dáfnis, depois de pegar a flauta enorme de Filetas, tocou de modo dolorido como se a amasse, de modo erótico como se a desejasse, de modo evocativo como se a buscasse – de sorte que Filetas, admirado, de pé com um salto, beija-o e, depois de beijá-lo, presenteia-o com a flauta e roga ainda a Dáfnis que a deixe como herança a um igual sucessor.

[2.38] Ele então, após dedicar sua própria flauta a Pã, a pequena, e beijar Cloé como se encontrada de fuga verdadeira, foi guardar o rebanho a flautear com a noite já chegando. Também Cloé recolheu seu rebanho, cantando junto com a melodia da flauta. E as cabras seguiam próximas das ovelhas, assim como Dáfnis caminhava perto de Cloé, de sorte que se saciaram um com o outro até de noite e combinaram descer ao pasto com os rebanhos mais cedo no dia seguinte. E assim fizeram...

Precisamente quando começava o dia, foram ao pasto. E depois de saudar as Ninfas em primeiro lugar, em segundo Pã, a partir daí sob o carvalho sentados começaram a flautear. Em seguida, se beijaram, se abraçaram, se deitaram, e sem nada mais fazer, se levantaram. Cuidaram então de alimentar-se, e beberam vinho misturado ao leite.

[2.39] E por tudo isso ficando mais ardentes e atrevidos, lutavam um com o outro uma luta erótica, e pouco tempo depois chegaram a confidenciar juras. Ele então jurou por Pã, depois de ir até o pinheiro, que não viveria sozinho, sem Cloé, nem o tempo de um só dia. E Cloé, depois de se dirigir à gruta, pelas Ninfas jurou que teria o mesmo destino que Dáfnis, tanto morte quanto vida. De tal modo, com efeito, era a ingenuidade dela, por ser garota, que, ao sair da gruta, achou por bem tomar uma segunda jura dele, dizendo:

– Oh Dáfnis, Pã é um deus lascivo e infiel. Ele amou Pítis, amou Siringe. E nunca para de incomodar as Dríades e oferecer coisas às Ninfas Epimélides. Ele então, por ser negligente nas juras, negligenciará punir você, mesmo se você buscar mais mulheres do que os canções em sua flauta. Jure para mim em nome deste rebanho de cabras e daquela cabra que amamentou você, que não abandonará Cloé, enquanto ela permanecer fiel a você. Se ela for desleal a você e às Ninfas, fuja e a odeie e a mate como a um lobo.

Dáfnis gostou da desconfiança e de pé no meio do rebanho, com uma cabra em uma das mãos, na outra um bode, jurou que amaria Cloé enquanto ela o amasse. Que mesmo se ela preferisse outro, e não Dáfnis, em vez dela ele mataria a si mesmo. Ela ficou contente e convencida, como garota, por julgar as cabras e as ovelhas deuses próprios de pastores e cabreiros.

## REFERÊNCIAS

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

LONGO. **Dáfnis e Cloé**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Princípio Editora, 1996.

LONGO. **Dafnis y Cloe**. AQUILES TACIO. **Leucipa y Clitofonte**. JÂMBLICO, *Babiloníacas*. Introducciones, traducciones y notas de Máximo Brioso Sanches y Emilio Crespo Güemes. Madrid: Gredos, 1997 [1ª edição 1982].

LONGUS. **Daphnis and Chloe**. Translated and introduced by Paul Turner. England: Penguin Book, 1968.

LONGUS. **Erotici Scriptores Graeci**, vol. 1. Rudolf Hercher. Leipzig: Teubneri, 1858. (Hospedado em *Perseus Digital Library*). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Longus+&fromdoc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0642> Acesso em 23.out.2020.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. **Dicionário Grego-Português**. Cotia: Ateliê, 2006-2010.

Data de envio: 18/05/2020  
Data de aprovação: 29/06/2020  
Data de publicação: 21/12/2020